

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Edna Maria dos Santos

A catarse de Paulo Honório

Passagem da reificação à humanização: uma abertura religiosa?

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

São Paulo

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Edna Maria dos Santos

A catarse de Paulo Honório

Passagem da reificação à humanização: uma abertura religiosa?

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, na área de concentração “Religião e Campo Simbólico”, sob orientação do Professor Doutor Ênio José da Costa Brito.

São Paulo

2010

Banca Examinadora

O ofício de escrever é uma experiência solitária; no entanto a experiência de fazer sua primeira dissertação de Mestrado é um terreno tão novo, que ao mesmo tempo em que você está sozinho, você busca o coletivo.

Dedico esta dissertação ao meu pai, o único que me amava do jeito que eu sou.

Agradeço a Deus por ter me dado energia e por ter chegado até aqui.

Agradeço a todos que colaboraram direta ou indiretamente na realização dessa dissertação.

Ao meu marido Luiz, que me esperou; à minha família; à Mariana, que, com muito carinho, e apesar de sua tenra idade, me ajudou nas pesquisas, mesmo não sabendo a princípio o significado dos temas pesquisados.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito, que com muita generosidade, sabedoria e paciência, conduziu este trabalho.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, e aos integrantes da banca de exame, especialmente ao Prof. Dr. José J. Queiroz e Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Silva, por suas preciosas observações ao projeto de pesquisa.

À Andréia Bisuli de Souza, que com seu apoio indescritível, não só a mim como a todos os alunos do Programa, sempre nos atende com amor e carinho.

Ao Claudio Santana Pimentel, o qual me deu apoio, amizade, parceria, companheirismo e assistência fundamental para conclusão desta pesquisa.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por me possibilitar a oportunidade de adentrar o universo da pesquisa; e à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo pelo apoio financeiro que tornou possível a realização deste projeto.

Atribuindo a homenagem à “existência de algumas figuras responsáveis por meus livros – Paulo Honório, Luís da Silva e Fabiano”. As últimas palavras:

“Apenas fiz o que pude para exhibi-los, sem deformá-los, narrando, talvez com excessivos pormenores, a desgraça irremediável que os açoita. É possível que eu tenha semelhança com eles e que haja, utilizando os recursos de uma arte capenga adquirida em Palmeira dos Índios, conseguido animá-los. Admitamos que artistas mais hábeis não pudessem apresentar direito essas personagens, que, estacionando em degraus vários da sociedade, têm de comum o sofrimento. Neste caso aqui me reduzo à condição e aparelho registrador – e nisto não há mérito. Acertei? Se acertei, todo o constrangimento desaparecerá. Associe-me aos senhores numa demonstração de solidariedade a todos os infelizes que povoam a Terra.” (Graciliano Ramos, em homenagem em 27 de outubro de 1942, por ocasião do cinquentenário de seu nascimento).

Resumo

Esta dissertação tem como objeto o romance de Graciliano Ramos, *São Bernardo*. Por meio da análise do personagem-narrador Paulo Honório, demonstramos as condições que propiciam a reificação e a alienação que caracterizam inicialmente o personagem, passando ao processo de humanização deflagrado por meio do conflito com Madalena, sua esposa, e como esse processo culmina em um movimento catártico, onde o personagem-narrador, colocando-se a escrever sua biografia, procura restabelecer o sentido que, inicialmente estando posto somente nos negócios, representado pela fazenda São Bernardo, desaparecera, de sua vida, juntamente com a morte de Madalena; a reflexão desencadeada a partir da morte da esposa revela esse aspecto humano que, até então, permanecia ignorado do próprio personagem. Abre-se, enfim, a dimensão humana que este havia desconhecido, devido à rudeza que lhe fora imposta pelos meios de subsistência. Concluímos que a ausência de uma base religiosa fora o que impossibilitou a Paulo Honório, apesar do reconhecimento da universalidade do sofrimento humano, a abertura para a compaixão e a superação do desprezo que este desenvolveu pelos demais seres humanos. Além disso, entendemos que, neste romance, embora Graciliano Ramos não tematize explicitamente a dimensão religiosa, o autor deixa em aberto questionamentos sobre a significação da vida humana cuja resposta, em última instância, coloca a necessidade da reflexão sobre os aspectos religiosos da vida humana.

Palavras-chave: reificação, alienação, humanização, catarse.

Abstract

This dissertation has as target the Graciliano Ramos's novel, *São Bernardo*. By analyzing the character-narrator Paulo Honório, we show the conditions that propitiate the reification and alienation that characterized the first character, passing through the humanization process triggered by conflict with Madalena, his wife, and since this process culminates in a cathartic movement, where the character-narrator, putting himself to write his biography, seeks to reestablish the sense that, initially only being put in business, represented by the São Bernardo's farm, disappears, their life, along with Madalena's death. The reflection unchained after his wife's death reveals this human aspect that hitherto remained unknown to the own character. Opens, finally, the human dimension that was unknown, because of the harshness that had been imposed by the means of subsistence. We conclude that the absence of a religious basis was impossible to Paulo Honório, despite the recognition of universal human suffering, the opening to compassion and overcoming that developed contempt for others human beings. Furthermore, we understand that in this novel, although Graciliano Ramos don't explicitly thematizes the religious dimensions, the author leaves it open to arguing about human life significance whose response, ultimately raises the need for reflection on the religious aspects of human life.

Keywords: reification, alienation, humanization, catharsis.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I – O autor, a obra e seu contexto	17
O autor	17
Passagem do contexto histórico ao contexto literário	18
A obra	22
São Bernardo.....	26
Estilo e estrutura da narrativa.....	29
A ascensão.....	29
O casamento e os ciúmes.....	30
A derrocada	31
A recepção da obra pela crítica.....	33
Capítulo II – O Personagem Paulo Honório e o embrutecimento do ser.....	35
Identificação de Paulo Honório.....	35
Paulo Honório: o ser embrutecido.....	40
O rebanho humano de São Bernardo	49
Capítulo III – O caminho para a humanização.....	53
O percurso de sua humanização	53
Uma possível transcendência.....	59
Uma visão religioso-literária	60
Um personagem entre a compaixão e o desprezo	63
Conclusão	65
Referências bibliográficas	67

Introdução

Antes de ingressar no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião tinha a expectativa de estudar a motivação que atraíam os jovens aos cultos religiosos, e o trânsito em diversos novos grupos religiosos; considerando que trabalho com jovens, intrigava-nos o fato da escola não conseguir despertar o mesmo interesse com o conhecimento, reduzindo-se, muitas vezes, a apenas um ponto de encontro.

No entanto, ao chegar ao Programa, logo nos primeiros encontros com nosso orientador, chegamos à conclusão que seria melhor pesquisar algo voltado para minha formação acadêmica, que é em Língua Portuguesa e Literatura, resolvemos então estudar a obra do autor Graciliano Ramos, optando, especificamente, pelo romance *São Bernardo*.

Tal escolha se deu, sobretudo, em virtude do ineditismo e da forma particular com que aborda as angústias, e as misérias da condição humana. Em *São Bernardo*, a obra é conduzida por um personagem-narrador em estado “bruto”, Paulo Honório. Através dele, a narrativa prospera em constante inversão premeditada de sentidos. As ações são violentas, e a análise psicológica é fina (ESPÍNOLA, 2006: 54).

Autor de linguagem direta e correta, moldada num estilo seco, conciso, com poucos adjetivos, seu estilo se faz presente no conjunto de sua obra, bem como seu olhar de investigação profunda dos problemas sociais nordestinos com análise psicológica de suas personagens, unindo como nem outro, o regionalismo e o intimismo, o que lhe dá um alcance universal; e os estudos de sua obra transitam por várias áreas, como, literatura, sociologia, antropologia, e até mesmo o que pretendo estudar, o religioso.

Com a primeira releitura da obra, com a qual já me encontrava familiarizada devido à prática docente, agora a mirando sob uma nova perspectiva, a das ciências da religião, percebi o que a muito me intrigava em

relação à efemeridade da vida humana, e que a busca do homem pelo poder, e acumulação de bens, não da conta das indagações sobre a realização do ser humano. Esta questão de realização não está presente apenas nesta obra, mas podemos observá-las desde as mais antigas reflexões do ser humano na tentativa de justificar sua existência, como encontramos, por exemplo, nos textos bíblicos “Mostra-me o meu fim, lahweh, / e qual é a medida dos meus dias,/ para eu saber quão frágil sou” (SALMOS, 39: 5), onde, este expõe sua fragilidade e questiona o real valor de suas ações: “Então examinei todas as obras de minhas mãos e o trabalho que me custou para realizá-las, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nada via de proveitoso debaixo do sol” (ECLESIASTES, 2: 11). Em São Bernardo, o personagem Paulo Honório apesar de sua rusticidade se vê diante deste mesmo questionamento levando-o a rever a trajetória de sua vida.

Por conta de seu destaque na história de nossa literatura, Graciliano Ramos já foi bastante estudado. Obras biográficas existem aos montes, e, entre elas, em relação à sua produção, parece que boa parte dos trabalhos se concentra entre análises de três de seus maiores textos: *Vidas Secas* (RAMOS, 1968), *Angústia* (RAMOS, 2003) e *São Bernardo* (RAMOS, 1994). Os dois primeiros são contemplados, por exemplos, em trabalhos que pensam a linguagem heterogênea do autor (MARINHO, 1995), e este parece ser o viés predominante. Em relação ao terceiro, também parte do objeto deste projeto, há, por exemplo, uma proposta de revisão crítica do significado do livro (BUMIRGH, 1998), discussões sobre a presença da história e das alegorias nas entrelinhas da narrativa (JUAREZ FILHO, 2006) e um estudo sobre a imagem do corpo na trama (LÁZARO, 2006). Não há, entretanto – ao menos em catálogos até agora consultados – nenhuma produção que centre o estudo na questão religiosa ou na figura de Paulo Honório, a não ser, quanto a este último aspecto, em manuais de literatura (BOSI, s/d); uma exceção se encontra em Mourão (2003) que, ao pretender uma análise da obra romanesca de Graciliano Ramos, isenta dos pressupostos que condicionam a crítica tradicional, dedica em seu estudo sobre São Bernardo, especial interesse à elaboração do narrador-personagem Paulo Honório.

Nada que valha a pena ser feito pode ser alcançado durante nossa vida; portanto, nós devemos ser salvos pela esperança. Nada que é verdadeiro ou belo ou bom faz sentido em um contexto imediato da história; portanto, nós devemos ser salvos pela fé. Nada que nós façamos, não importa quão virtuoso, pode ser conquistado sozinho; portanto, nós devemos ser salvos pelo amor.

Reinhold Niebur, *apud* CAHILL, 1995: vii. (Tradução nossa) ¹.

É importante ressaltar a carência de estudos específicos sobre Paulo Honório e, menos ainda, sobre sua humanização, conscientização e catarse; nesse momento de introspecção e reflexão sobre o valor da existência, em que o próprio personagem considera chegado o fim da vida, justificaria por si só essa pesquisa. Graciliano Ramos nos legou personagens de tamanha profundidade que não parece necessário discorrer longamente sobre razões para destacá-los em um trabalho acadêmico. Enquanto produção cultural privilegiada pela não obrigação de verificabilidade dos fatos, a literatura deixa transparecer fendas por onde se podem enxergar as tendências da sociedade.

No entanto, a investigação de uma obra literária em princípio não religiosa em um curso de pós-graduação dedicado ao estudo do fenômeno religioso termina por exigir certas explicações. Portanto, atentamos para a posição de Waldecy Tenório, segundo a qual a obra literária, ao fazer sua uma opção pelo ser humano, culmina em uma afirmação teológica, porque “uma afirmação é teológica não por se referir a um ser particular a quem chamamos Deus, mas por exprimir o sentido último de nossa existência pessoal” (1996: 48); ou ainda, conforme Antonio Magalhães, é possível estabelecer mútuas e diversas relações entre o teológico e o literário; basicamente, interessa-nos a presença da temática religiosa na obra literária (2009: 225-249); e ainda, considerando a contribuição de Afonso Maria Ligório Soares, é possível dizer que “o ponto de intersecção entre teologia e literatura é que ambas ‘são

¹ “Nothing that is worth doing can be achieve in our lifetime; therefore we must be saved by hope. Nothing which is true or beautiful or good makes complete sense in any immediate context of history; therefore we must be saved by faith. Nothing we do, however virtuous, can be accomplished alone; therefore we must be saved by love”.

aproximações possíveis das reivindicações humanas, das explicações humanas e da condição humana”².

Lembremo-nos também do caldeirão cultural em que o livro foi gestado: meados dos anos de 1930, o chamado período entre guerras, quando o mundo já passara por um choque que enterrara a *Belle Époque*, os anos de ouro do capitalismo industrial; a Revolução Russa de 1917 (CARVALHO, 2000). Impondo um governo planejado e baseado na posse coletiva dos meios de produção, o comunismo soviético suscitou ataques e defesas - movimentos de extrema direita ganhavam força, bem como os de esquerda (HOBSBAWM, 2005). Mais do que isso, considerava-se que a hora era de avaliar a economia e suas implicações. Se o capitalismo causara - ou pelo menos contribuía fortemente - para a queda da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, que mais poderia ser creditado a ele? De que maneira a lógica capitalista contribuía para transformar as relações não somente sociais, mas existenciais entre as pessoas? Sobretudo em uma sociedade de transição, como era a sociedade brasileira à época? Podemos afirmar que a obra de Graciliano Ramos oferece preciosos subsídios para refletir sobre tal situação.

Considerando que Graciliano Ramos não era de forma alguma ignorante dessas discussões, suas próprias preocupações e reflexões sobre esse mundo e essa humanidade em transformação aparecem de alguma forma em seus textos. Desta forma, a literatura se torna muito mais que um entretenimento, antes uma chave de compreensão - baseada na dicotomia lógica interna / lógica externa - de um fenômeno tão complexo e profundo quanto o caminho percorrido por Paulo Honório, que não lhe é exclusivo, mas encontra expressão em muitos contemporâneos.

O objeto desse estudo propicia a análise psicológica e social dos anos 1920-30 – da personagem Paulo Honório, de Graciliano Ramos (RAMOS, 1994), motivada por sua escolha da dimensão material, como linha mestra de sua vida. Em todos os passos de sua caminhada, começando de guia de cegos a fazendeiro influente - encontrou inúmeras dificuldades, explicadas pela crise econômica, que deixava como entevê a obra, a situação do Nordeste bastante

² Entrevista disponível no site <http://www.unisinos.br/ihu> (acesso em 19/05/2010).

árdua. Mas, as opções existiam e esta é sua tomada de consciência no fim da vida, distanciado do momento e dos sentimentos específicos.

Dessa maneira, pretendemos responder às seguintes questões: quem é o autor? Pergunta ambígua, por tratar-se, no presente caso, de dois autores: Graciliano Ramos, o autor de *São Bernardo*, e Paulo Honório, o rústico fazendeiro que, no momento da mais grave crise de sua vida, deflagrada pela perda da mulher, e pelos sentimentos, outrora desconhecidos dele próprio, causados por essa perda; Paulo Honório se coloca não apenas a refletir, paranoicamente, sobre a vida, mas sente a necessidade de registrar literariamente essa reflexão; portanto, a pergunta fundamental a fazer é: quais os paralelos possíveis entre os dois autores, Graciliano Ramos e Paulo Honório? A partir daí, conforme a descrição por Paulo Honório do que fora sua vida, ou, ao menos, do que este acredita saber dela, procuraremos compreender o processo de reificação e a alienação que caracterizaram a vida do personagem-narrador; em razão do confronto com sua esposa, Madalena, mulher estudada, vinda da capital da província, portadora de novas idéias e de uma visão sobre o mundo e a humanidade até então desconhecida para ele, é que se torna possível para Paulo Honório humanizar-se? Qual a importância da morte, da perda da mulher e do reconhecimento da importância dela em sua vida, para sua tomada de consciência? Como a ausência de sentido, o absurdo que se apresenta, desde então, na vida do personagem-narrador favorece ou mesmo impede uma possibilidade religiosa para Paulo Honório?

A hipótese preliminar que pretendemos demonstrar é que, Paulo Honório, na busca de ter, teria se esquecido do ser. Esqueceu de si mesmo; deixou de ser uma pessoa para ser uma máquina registradora. Ao assumir que as pessoas teriam apenas um valor de troca, chega à consciência de que, em sua ânsia desenfreada de acumular, não cultivou relações com que pudesse contar no fim de sua vida. Por conta de sua visão reificada do mundo, alienada de sua humanidade, os interesses prevalecem sobre os sentimentos ou princípios morais. Assim, mantém um distanciamento espiritual, que percebe, no epicentro de sua solidão, como seu grande fracasso.

Neste estudo busco uma aproximação entre a religião e a literatura, onde o comportamento e o processo de reificação e alienação sofrido por Paulo Honório, após a humanização e a conscientização decorrente do confronto com Madalena, o qual culmina com a morte desta, abre um espaço para a transcendência, que nos mostra uma possibilidade para uma abertura religiosa do personagem. Paulo Honório busca um caminho no âmago de suas questões. Estariam no âmago de seu embrutecimento, os germes da religião?

O presente trabalho tem por objetivos sistematizar o conhecimento produzido sobre o tema; aprofundar a análise sobre a catarse de Paulo Honório, numa obra de ficção que equilibra reflexão social e psicológica, permitindo aproximar a literatura da religião.

No quadro teórico de que partimos, textos como *A personagem de ficção* (CÂNDIDO, 2000) e *Guia prático de análise literária* (MOISÉS, 1970), se configuram como alicerce para pensar o desenrolar da narrativa e o papel de Paulo Honório - sua formação de identidade a partir de uma oposição voluntária com sua esposa, Madalena - enquanto articulador da interação das personagens. No entanto, apoiar-se exclusivamente em uma teoria literária não nos permite atingir os objetivos do projeto. Portanto, acreditamos encontrar na obra de Marcuse uma importante referência em nossa discussão sobre a unidimensionalidade, conceito que permite esclarecer determinados aspectos da relação de Paulo Honório com o mundo que o rodeia. Será também necessário considerar conceitos como autoconhecimento, autoconsciência, ser, dever, tempo de existência, transcendência e humanização.

No Capítulo I – O autor, a obra e seu contexto – analisamos as condições históricas, sociais e literárias de elaboração e desenvolvimento da obra romanesca de Graciliano Ramos, as reações da crítica à sua produção, enfatizando a análise do romance *São Bernardo*, que nos permite introduzir o universo de Paulo Honório, sobre o qual centraremos nossa reflexão.

No Capítulo II – O personagem Paulo Honório e o embrutecimento do ser – analisamos as condições que levaram ao embrutecimento existencial do personagem-narrador, sua reificação e a alienação que o marcaram. Para tanto, empregamos conceitos como o de unidimensionalidade, desenvolvido

pelo filósofo alemão Herbert Marcuse, para esclarecer sua relação com as personagens que o cercam no pequeno universo formado pelos personagens de *São Bernardo*.

No Capítulo III – O caminho para a humanização – discutimos o processo de transformação existencial sofrido por Paulo Honório a partir do conflito com Madalena; como esta, vinda de um outro universo cultural, lhe apresentou uma nova maneira de perceber a realidade, a qual não pode, no entanto, ser assumida por Paulo Honório, embora este tenha reconhecido, após a morte de Madalena, a incompletude e a ausência de sentido até então presente em sua vida e em suas atitudes, colocamos o leitor diante do movimento catártico vivenciado pelo personagem, em decorrência de seu sofrimento, resultante da perda de Madalena. Enfrentamos o desafio da (im)possibilidade de uma abertura para a dimensão religiosa como resposta aos questionamentos desenvolvidos pelo personagem-narrador.

Dessa maneira, pretendemos oferecer ao leitor uma reflexão, que, acreditamos, ser inédita até o presente momento, sobre as inquietações e indagações religiosas que podem ser suscitadas pela leitura da obra de Graciliano Ramos, tido pelo senso-comum como autor irreligioso, ou, que, ao menos, desconsidera a possibilidade da explicitação de um significado religioso para a vida, ao menos em seu universo literário.

Capítulo I – O autor, a obra e seu contexto

O autor

Graciliano Ramos – “O Velho Graça” – considerado o maior representante da segunda fase do modernismo, também conhecida como geração neo-realista³ nordestina (1930-1945). Nasceu em 1892, em, Quebrangulo, Alagoas, foi o primogênito de um casal de sertanejos de classe média que teve quinze filhos.

Autodidata em literatura, elegeu-se prefeito da cidade de Palmeira dos Índios em 1928, renunciando ao cargo em 1930 por motivos políticos. Sob falsa acusação de subversão comunista, foi preso em 1936. Sem qualquer julgamento, ficou detido por dez meses em vários presídios. O relato de sua experiência na prisão encontra-se em suas *Memórias do Cárcere*, publicadas em 1953.

Em 1945, já considerado nosso maior romancista depois de Machado de Assis, sua obra é consagrada nacional e internacionalmente.

Autor de linguagem direta e correta, moldada num estilo seco, conciso, com poucos adjetivos, em seus livros não sobram palavras. O universo áspero, sufocante e despojado de qualquer lirismo – marca registrada de sua obra. Graciliano soube equilibrar a investigação profunda aos problemas sociais nordestinos com a análise psicológica de suas personagens, unindo, como nenhum outro, o regionalismo e o intimismo, o que lhe dá um alcance universal. Suas obras têm tradução para diversas línguas como inglês, francês, espanhol, italiano, russo, alemão, finlandês, tcheco, polonês e húngaro.

³ **Neo-Realismo (1930 a 1945)** Fase da literatura brasileira na qual os escritores retomam as críticas e as denúncias aos grandes problemas sociais do Brasil. Os assuntos místicos, religiosos e urbanos também são retomados. Destacam-se as seguintes obras: *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *Fogo Morto* de José Lins do Rêgo, *O Quinze* de Raquel de Queiróz e *O País do Carnaval* de Jorge Amado. Os principais poetas desta época são: Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles – site WWW.suapesquisa.com/literatura Brasil 25/04/2010.

A vivência num lar especialmente rígido num tempo e espaço de coronelismo despertou em Graciliano Ramos desde muito cedo um olhar crítico para as injustiças sociais. O envolvimento íntimo com a política, as agruras que lhe foram impostas pelo despotismo do Estado Novo aguçaram ainda mais esse olhar refletido na trajetória acidentada e angustiante de suas personagens. Elas como apontam Alfredo Bosi (1996: 454), sofrem uma incompatibilidade praticamente intransponível com o ambiente em que vivem, seja com o meio social – como acontece a Luís da Silva, do romance *Angústia*, que acuado pela degradação de seu universo, degenera-se numa autodestruição enveredando para o crime – seja com o meio natural e social, como acontece com Fabiano, protagonista de *Vidas Secas*. Assolado pelo meio hostil que reduz a uma condição quase animalésca, de miséria e de ignorância, ele é impiedosamente explorado e humilhado. A “máscara” de dureza é a defesa dessas personagens que, por meio dela, procuram preservar-se do sofrimento imposto pelas relações de domínio e de poder.

Passagem do contexto histórico ao contexto literário

O Brasil até 1930 é um país pré-capitalista que apresenta relações semi-feudais, afirmando que o país passa por um período de revolução industrial nessa década. Com a crise capitalista mundial desencadeada pelo racha na bolsa de valores de Nova Iorque, e a subida de Getúlio Vargas em 1930, o Brasil passa a desenvolver uma política de industrialização, que, contudo não abandonava o setor mais forte da economia nacional o agro-exportador que enfrentava uma crise sem precedentes. O êxodo dos trabalhadores do café e do nordeste faz despertar aos poucos uma importante classe operária, concentrada nos centros urbanos que começam a crescer de forma vertiginosa. O governo investe em infra-estrutura produtiva, constitui-se uma indústria de base, fundamento do novo modelo econômico industrial que está sendo estabelecido; essa conjectura desencadeia as transformações sociais que marcaram nosso país desde então.

A chegada do século XX foi muito importante para literatura brasileira, sobretudo os anos compreendidos entre 1920 e 1940, período fértil por conta de grandes transformações sociais, econômicas e culturais, além das duas grandes guerras, que deixaram cicatrizes profundas em todo o mundo.

Ainda no século XIX, o Brasil trocou a monarquia pela república, a escravidão pelo trabalho remunerado e empreendeu mudanças significativas em todas as áreas. O trabalho passou a ser assalariado, a agricultura aos poucos perdeu espaço para a indústria e a população paulatinamente se transferiu para as cidades.

Assim se inicia o século XX, quando os brasileiros assistiram à chegada de grandes levas de imigrantes europeus, ao surgimento de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, além da urbanização e industrialização de muitas outras cidades, bem como o aparecimento de uma classe média ávida por adquirir novos conhecimentos e cultura.

Outro fator que merece atenção no período é a problemática do analfabetismo. O Brasil era essencialmente um país de analfabetos, uma vez que durante séculos, a educação havia sido restrita à elite.

Após 1759, com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, ocorreu a primeira reforma do ensino que perdurou sem muitas alterações até a chegada da Família Real, em 1808. Foi D. João VI quem criou as primeiras academias, a militar e a marinha. Também é de sua autoria o surgimento do ensino de medicina e cirurgia.

Em 1890, o Brasil ainda possuía uma maioria absoluta de analfabetos aproximadamente 84% da população. Em 1920, houve uma ligeira redução, passando para 75% da população e em 1940, final do período estudado, ainda havia uma cifra de analfabetos que correspondia a 57% da população. (ALMANAQUE BRASIL, 1989: 190-194).

Nos primeiros anos do século XX, as obras eram compostas, em sua maioria, de poemas e com um número reduzido de páginas; com o passar dos anos, este formato vai sendo gradativamente alterado, o número de páginas aumenta e a poesia cede espaço à prosa e, pouco a pouco, a cultura francesa,

que tanto influenciara os brasileiros até aquele momento, perde força e abre espaço para a cultura brasileira, que começa a receber maior respeito por parte dos intelectuais.

O início do Modernismo no Brasil constitui um momento singular na história da literatura nacional. Enquanto São Paulo e Rio de Janeiro exaltam os novos ares da modernidade, na região Nordeste o destaque é um movimento ao mesmo tempo similar e antagônico, o Regionalismo.

O modernismo brasileiro pretendia romper os laços com o passado, com o academicismo e com a escola francesa do *Parnasianismo*. Em contraste a Escola de Recife (o epicentro nordestino), encabeçada por Gilberto Freyre, assume um processo de renovação cultural diverso do que se desenvolvia no eixo Rio – São Paulo.

O Regionalismo se apresentava similar ao Modernismo porque também rompia os laços com o academicismo e os muitos movimentos culturais que imitavam a Europa (especialmente a França), mas ao mesmo tempo, assumia uma identidade própria e divergente, menos homogeneizadora.

Assim, vemos que tensões da Europa repercutiram ponderavelmente aqui. Não mais como transposição, mas como manifestação de uma solidariedade cultural intensificada depois da Primeira Guerra Mundial e do nosso progresso econômico. Direita e esquerda política refletindo na literatura; populismo literário e problemas psicológicos; socialismo neotomismo; surrealismo e neo-realismo; laicismo e arregimentação católica; libertação de costumes; formação de opinião política; eis alguns traços marcados e frequentemente contraditórios do decênio de 30, assinalando, quer a projeção estética e ideológica do Modernismo, quer a reação do espiritualismo literário e ideológico (CÂNDIDO, 1976:125-126).

Desta forma, o que vemos é um período muito rico e cheio de novos ideais, que foram transportados para a literatura. Uma literatura que muito refletiu aquele momento histórico-político, havendo uma fusão de literatura, história e sociologia.

Em 1928, numa conferência em Recife, deliberadamente vários escritores nordestinos afirmaram o propósito de tornar suas obras porta-vozes dos problemas sociais e elegeram a vida do nordestino pobre como modelo do que necessitava ser transformado no Brasil. Nesse encontro o escritor José Lins do Rego, juntamente com José de Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e o sociólogo Gilberto Freyre afirmou:

Nós, no Brasil, queremos acima de tudo nos encontrar com o povo. E podemos dizer que encontramos este povo fabuloso, espalhado nos mais distantes recantos de nossa terra. O romance de nossos dias está todo batido nessa massa, está todo composto com a carne e o sangue de nossa gente (MINCHILLO, TORRALVA, 2008 p.141 v. I. 03)

Esse propósito de denunciar os problemas nacionais caracterizou a prosa e a poesia do que ficou conhecido como Segunda Geração Modernista, que dominou o cenário literário entre 1930 e 1945 (MINCHILLO; TORRALVA, 2008: 141 v. 3).

O romance de 1930 não registrou somente os flagelos promovidos pela seca, mas também chamou a atenção para as condições miseráveis dos trabalhadores de regiões ricas, como as do sudeste baiano. Dessa maneira, os escritores procuravam demonstrar que a situação deplorável de milhões de brasileiros se devia a um sistema econômico e social injusto.

Embora a geração de 30 englobe entre seus adeptos o famoso grupo de romancistas do Nordeste reunindo em torno da problemática da terra, motivo agora de meditação, aprofundamento e denúncia social, seus ficcionistas trazem para essa realidade concepções unânimes apenas na acusação da injustiça e desagregação humana. No mais, cada um tentará dar depoimento substantivo, fruto da concepção de uma situação central específica e correspondente atitude assumida frente a ela. As divergências de enfoque não se baseiam simplesmente numa variação na seleção e tratamento de detalhes ou numa maior ou menor ênfase em determinado aspecto. Ela obrigará o romancista a uma ficcional e a posição de interdependência em que se acha nele. (...) A obra de Graciliano Ramos encerra problemas de construção típicos que lhe realizam a ficção, ampliada continuamente, onde recursos artesanais são solicitados a fim de corporificar vivências e projetos de seu universo interior. (...) Trata-se de obra inquietante e de inquietação,

denunciadora e angustiada, numa perquirição cruel trazida do auscultar constantes do intercâmbio humano, num regionalismo nem um pouco reduzitivo e sim aberto para conter toda a experiência vital. A reiteração e ampliação de um recurso técnico específico, isto é, um romance dentro de outro, é decorrente das possibilidades que aí vislumbra em acercar-se mais e tentar comunicar toda a problemática de sua concepção (...) (COUTINHO, 2004: 390).

Graciliano Ramos, um dos escritores mais importantes dessa época, registrou os dramas sociais e psicológicos dos nordestinos miseráveis, tomando partido dessa gente lutadora, e “via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor” (BOSI, 1996: 453).

Para Alfredo Bosi, o realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofre por estar distante da família ou de seu grupo, introjeta seu conflito numa conduta de extrema dureza que é sua única *máscara* possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor fórmula de fixar as tensões sociais como “primeiro motor” de todos os comportamentos. Esta é a grande conquista de Graciliano: superar na montagem do protagonista (verdadeiro “primeiro lutador”) o estágio no qual seguem caminhos opostos o “painel da sociedade” e a sondagem moral (BOSI, 1996: 454).

A obra

Certamente Graciliano Ramos quis, com sua obra, representar as condições gerais da vida brasileira no Nordeste, a vida dos pobres sob o jugo do latifúndio e da inclemência da seca. A vivência num lar especialmente rígido num tempo e espaço de coronelismo despertou em Graciliano Ramos desde muito cedo um olhar crítico para as injustiças sociais.

O meio social, por exemplo, é incompatível com a realidade de Luís da Silva, do romance *Angústia*, que acuado pela degradação moral de seu universo, degenera-se numa autodestruição enveredando para o crime; - ou

mesmo meio natural e social, como acontece com Fabiano, protagonista de *Vidas Secas*. Assolado pelo meio hostil que o reduz a uma condição quase animalésca, de miséria e de ignorância, ele é impiedosamente explorado e humilhado. “A máscara” da dureza é a defesa dessas personagens, que, por meio dela, procuram preservar-se do sofrimento imposto pelas relações de domínio e de poder.

E é neste mergulho pela amargura humana que Graciliano Ramos mostra sua arte, como afirma o crítico Antônio Cândido, “no âmago de sua arte há um desejo intenso de testemunhar sobre o homem...” (CÂNDIDO, 1976: 98). Não apenas sobre o homem de seu tempo e de seu meio, mas sobre as agonias e dramas do homem de sempre.

A obra literária de Graciliano Ramos mostra três aspectos distintos da arte e da vida que podemos encontrar em todo grande escritor.

Em primeiro lugar a série de romances escritos na primeira pessoa – *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia*, - que constituem essencialmente uma pesquisa progressiva da alma humana, no sentido de descobrir o que vai de mais recôndito no homem, sob as aparências da vida superficial. Pode-se dizer, como Antonio Candido, que, usando linguagem dostoiévskiana, essa pesquisa realizada por Graciliano Ramos tenta descobrir o *homem subterrâneo*, a nossa parte reprimida, que opõe a sua irredutível, por vezes tenebrosa singularidade, ao equilíbrio padronizado do ser social.

Em segundo lugar as narrativas feitas na terceira pessoa, - *Vidas Secas*, os contos de *Insônia*, - comportando visão mais destacada da realidade, estudando modos de ser e condições de existência, sem a obsessiva análise psicológica dos outros. Em terceiro lugar encontramos as obras autobiográficas, - *Insônia*, *Memórias do Cárcere*, - nas quais a subjetividade encontra expressão mais pura e ele dispensa a fantasia, para se abordar diretamente como problema e caso humano. (CÂNDIDO, 1964: 97-98).

A estréia literária de Graciliano Ramos foi com o romance *Caetés*, 1933 logo depois publicou uma trilogia de romances que são o ponto alto de sua produção: *São Bernardo*, 1934, *Angústia*, 1936 e *Vidas Secas*, 1938. O

primeiro e o último dessa trilogia têm sido considerados pela crítica os mais importantes.

Caetés foi considerado, pela crítica e pelo próprio autor, um romance mal realizado, espécie de crônica jornalística de uma pequena cidade do interior nordestino, com personagens estereotipados e “sumários em sua psicologia”, *Caetés* vincula-se aos modelos naturalistas do século XIX, estando particularmente próximo, em sua atmosfera geral de alguns romances de Eça de Queirós. Apesar desses problemas, já aparecer no protagonista-narrador, João Valério, aquela tendência à impiedosa auto-escavação, que em obras posteriores, constituiria o eixo psicológico nuclear

Angústia, romance publicado pela primeira vez em 1936, conferiu a Graciliano Ramos o Prêmio “Lima Barreto”, pela *Revista Acadêmica*. Trata-se da autobiografia de Luís da Silva, narrador em primeira pessoa que, por meio de sua clausura existencial, “fala de um lugar meio real, meio metafórico – um buraco da existência, um quarto de despejo de onde espia (e expia) o mundo por uma fresta” (PINTO, 2006, p. 57).

Angústia é o relato mais complexo, do ponto de vista técnico, do chamado romance de 1930. Ele é construído em torno de percepções fragmentadas do narrador, que vê a realidade objetiva ora com realismo quase fotográfico, ora por meio de deformações expressionistas. Momentos de devaneios e alucinações se sucedem, gerando uma relativa desagregação da lógica discursiva que corresponde à lógica do protagonista.

O tempo real (cronológico) da narrativa é substituído por um tempo subjetivo, em que o presente e o passado se mesclam a todo instante. O próprio passado apresenta grande complexidade, tendo uma tríplice dimensão: o passado próximo, que envolve a paixão e o crime de Luis da Silva; o passado mais ou menos distante, que revela a inadequação e as dificuldades de sobrevivência do personagem na cidade grande; e o passado remoto, em que se localizam suas frustrantes experiências infantis. Esses três níveis de passado estão embaralhados no romance, fundindo-se no presente e nos devaneios do narrador.

O romance *Vidas Secas* tem sido considerado a obra-prima do regionalismo nordestino brasileiro. Único romance de Graciliano Ramos narrado em terceira pessoa, conta a história de uma família de retirante que foge da seca: Fabiano, Sinhá Vitória, o Menino Mais Velho, o Menino Mais Novo e a cadelinha Baleia.

A obra apresenta uma estrutura circular uma vez que tanto no primeiro capítulo, “Mudança”, como no último, “Fuga” encontramos os protagonistas na mesma situação: fugindo da seca, O tempo transcorrido é de um ano. Entre as duas secas, a pequena família chega a uma fazenda abandonada onde param. Logo o dono da propriedade chega e Fabiano trabalha ali como vaqueiro. A Exploração despótica de seus serviços, a truculência do poder, as humilhações cotidianos são os fios com que a trajetória deles é tecida. Eles terminam como começaram: com destino incerto, caminhando sedentos e famintos, mas ainda capazes de esperança, já que, à exceção de Baleia, estavam todos vivos.

Segundo Afrânio Coutinho, *Vidas Secas* é um romance duro e seco como a terra que retrata, mas não traz a carga de Amargura e pessimismo dos livros anteriores. O romance *Vidas Secas* em 2006 completou sua 100ª edição.

Para Graciliano Ramos, não é apenas a natureza que explica a miséria do sertanejo. O mundo que aparece em *Vidas Secas* é o do mais completo atraso social. Trata-se do mundo arcaico do latifúndio nordestino, marcado por relações sócio-econômicas brutais e desumanas. Um exemplo destas relações primitivas aparece no capítulo “Contas”. Por isso, o vaqueiro está sempre endividado com o patrão e quando vai acertar as contas, recebe uma ninharia.

Caetés, *São Bernardo* e *Angústia* ilustram o mergulho do escritor na alma humana com a finalidade de descobrir o que está debaixo da superficialidade da aparência. Escritos em primeira pessoa, são narrativas que se prendem a análise do mundo interior, mas sem desprezar o contexto sociopolítico em que vive cada personagem. Pelo contrário, é do contraste entre o eu mais íntimo e o ser social de cada um que decorrem os conflitos.

Nas narrativas feitas em terceira pessoa – *Vidas Secas* (romance) e *Insônia* (contos) – prevalece à visão da realidade social sobre a análise

psicológica das personagens. *Vidas Secas* insere-se na linha regionalista, uma vez que nele avulta o drama social e geográfico da região Nordeste o homem ao seu meio natural – o sertão.

As narrativas autobiográficas, *Infância* e *Memórias do Cárcere*, prendem-se, talvez ainda mais fortemente, à subjetividade do autor; mas não se esgotam apenas no registro de seu drama pessoal, pois ultrapassam o individual para atingir o social e o universal. Assim, *Memórias do Cárcere* não é um relato puro e simples do sofrimento e humilhações do homem Graciliano Ramos, é a análise da prepotência que marcou a ditadura Vargas e que, em última análise, se encontra em qualquer ditadura.

São Bernardo

Com o romance *São Bernardo*, objeto deste estudo, Graciliano Ramos elabora certa alegoria da entrada e do desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro, assim como da formação da mentalidade burguesa acumulativa. Como título da obra elege o nome da fazenda que Paulo Honório comprou e modernizou.

A fazenda São Bernardo passa a ser na região interior de Alagoas símbolo de modernidade e de êxito econômico: o dono obtinha lucro fornecendo gêneros alimentícios às cidades vizinhas.

Romance regionalista modernista com preocupações sociais e políticas, caracterizadas por refinada análise do campo psicológico, pertence à safra que ficou conhecida com o nome de Romance da década de 1930. As obras de Graciliano Ramos podem ser encaixadas no Realismo Crítico, exibindo sempre um “herói-problema” que não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Prefere a análise psicológica ao paisagismo regionalista.

A visão capitalista de Paulo Honório já contém um componente da nova ordem sócio econômica: a *coisificação* dos seres. Para o senhor de São

Bernardo, as pessoas valem na medida em que servem aos seus objetivos, de modo que para ele tudo, ou quase tudo, se transforma em mercadoria.

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus. (RAMOS, 1994, p. 185).

Entende-se por “coisificação” um processo no qual cada um dos elementos da vida social perde seu valor essencial e passa a ser avaliado apenas como “coisa”, ou seja, quanto à sua utilidade, quanto à sua capacidade de satisfazer certos interesses. Lukács concebe o conceito de coisificação como produto de uma economia de mercado, em que tudo é medido a partir de seu valor de uso e de seu valor de troca. As pessoas se “coisificam”, pois precisam se oferecer como produto num mercado que está em busca da melhor oferta. Essa “coisificação” desumaniza o homem e seu meio social, levando a uma sociedade de troca, despida de sentido e sentimento humanista. O homem é uma engrenagem da máquina capitalista como mostrou Charles Chaplin no filme “Tempos Modernos”. (Supl. Especial- Jornal O Paraná, 21/09/2007).

Ao iniciar a narrativa em primeira pessoa, Paulo Honório pretende fazer, como no sistema capitalista, uma “divisão de trabalho”. Distribui a cada “amigo”, de acordo com a sua especialidade, uma função na construção do romance. Entretanto, tal procedimento não dá certo:

João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante. Calculem!

Padre Silvestre recebeu-me friamente (...). Está direito: cada qual tem as suas manias.

(...) concentrei as minhas esperanças em Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, periodista de boa índole e que escreve o que lhe mandam.

O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do Cruzeiro apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras que me zanguei: – Vá para o inferno, Gondim. Você acanhalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacões da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

– Não pode? Perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode (RAMOS, 1994: 5-7).

A relação interpessoal do narrador é exemplificada neste trecho do primeiro capítulo do romance. Ele “manda” nas pessoas, sumariamente, como faz com o Gondim, a quem considera “uma espécie de folha de papel destinada a receber idéias confusas”. Também sumariamente, rechaça os participantes do projeto de escrever o romance, ora criticando (a João Nogueira) ora aceitando a recusa (Padre Silvestre), ora xingando (a Gondim).

Valendo-se de seus próprios recursos e sem indagar as vantagens materiais que o livro lhe traria, ou seja, mudando de atitude em relação à “divisão do trabalho” e ao retorno financeiro no início pretendido, Paulo Honório começa a escrever, narrando sua trajetória que vai de guia de cego a proprietário rural.

No romance São Bernardo, Graciliano Ramos construiu duas das mais importantes personagens da literatura brasileira. Ela, Madalena professora marcada pelo idealismo. Ele, Paulo Honório dono de terra e de gente, negociante inflexível, que após haver se casado com a professora é tomado por um ciúme doentio.

Segundo Antônio Cândido, “acompanhando a natureza do personagem, tudo em São Bernardo é seco, bruto e cortante. Talvez não haja em nossa literatura outro livro tão reduzido ao essencial, capaz de exprimir tanta coisa em resumo tão restrito” (CÂNDIDO, 1964:103).

Romance neo-realista, não tratou exclusivamente dos oprimidos, mas também revelou a alma dos poderosos. Graciliano Ramos, por exemplo, criou

Paulo Honório, seu personagem principal homem rude, ambicioso, que se tornou dono da fazenda São Bernardo por meios de manobras desonestas. O personagem representa os inúmeros aventureiros nordestinos que se apossam de terras alheias, às vezes por meio de disputas violentas, e que se tornam senhores “todo-poderosos” de pequenas localidades do interior.

E é neste contexto que Graciliano mostra magistralmente

(...) a humanidade singular dos protagonistas domina os fatores do enredo: meio social, paisagem, problema político. Mas ao mesmo tempo, tal limitação determina o importantíssimo caráter de movimento dessa fase do romance, que se aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história. (...) (CÂNDIDO, 1964: 103).

São Bernardo significa em termos de composição romanesca um enorme salto qualitativo. A platitude do método descritivo e as seqüelas pós-naturalistas ficaram no passado. Munido de uma perspectiva, o que implica uma concepção fundamental do mundo, supera a indiferença na escolha dos detalhes: todas as ações estão diretamente vinculadas à vida e ao processo de busca de identidade da consciência de Paulo Honório. (COUTINHO, 2004: 397).

Estilo e estrutura da narrativa

São Bernardo está dividido em:

A ascensão

Paulo Honório, fazendeiro nas imediações de Viçosa, em Alagoas, dedica-se à tarefa de escrever, sozinho, a história de sua vida, pois as tentativas de fazê-lo com a ajuda de conhecidos haviam fracassado. Não tendo sequer conhecido seus pais, Paulo Honório pouco recorda de sua infância, à parte o fato de ter sido guia de cego que o maltratava e de ter recebido a proteção da velha Margarida, uma velha que, com cerca de cem anos, ainda

vive, residindo na própria fazenda. Aos dezoito anos, após ter trabalhado em várias fazendas, é preso por esfaquear um rival em uma disputa amorosa. Permanece na prisão por quatro anos e lá aprende a ler. Ao ser liberto, resolve concentrar todo o seu esforço no objetivo de ganhar dinheiro.

Depois de algum tempo, fixa-se em Viçosa, acalentado o sonho de adquirir a fazenda São Bernardo, na qual havia trabalhado quando jovem. O proprietário da mesma falecera há algum tempo, e seu filho, Luis Padilha, entregara-se à bebida e às farras, abandonando a fazenda. Paulo Honório vai aos poucos cercando Padilha, empresta-lhe dinheiro e termina por comprar-lhe a propriedade por um preço ínfimo. Imediatamente, dá início ao seu projeto de modernização da fazenda, e, paralelamente, com a ajuda do fiel capanga Casimiro Lopes, livra-se, em uma tocaia, de um vizinho, Mendonça, que se recusava a devolver terras tomadas ao antigo dono de São Bernardo.

Não satisfeito com isso, Paulo Honório avança para além dos limites de São Bernardo, invadindo terra dos vizinhos. Nada o detém em sua fúria modernizadora: compra máquinas, introduz gado de raça, faz um açude, instala rede elétrica, constrói uma igreja e uma escola e envolve-se na política. Além disso, contrata para professor Padilha, apesar das idéias socialistas que este começara a manifestar logo depois de ter perdido a propriedade.

O casamento e os ciúmes

Paulo Honório decide que precisa se casar para ter um herdeiro. Em Viçosa, conhece uma bonita jovem, a professora primária Madalena que vive com sua tia, d. Glória. Aos poucos seu projeto de casamento com Madalena vai amadurecendo. Declara-se à professora. Madalena mostra-se indecisa durante algum tempo, mas afinal aceita a proposta. O casamento realiza-se em seguida, na fazenda, onde também d. Glória passa a residir.

Decorrido algum tempo, as divergências entre o casal começaram a aparecer, devido às idéias avançadas de Madalena em relação aos empregados, para os quais deseja melhor tratamento e salários mais altos. As

discussões se sucedem. Para agravar ainda mais a situação, Paulo Honório começa a nutrir profunda antipatia por d. Glória.

Cerca de dois anos depois do casamento nasce o filho do casal. Um dia, Paulo Honório encontra Padilha colhendo flores no jardim, a pedido de Madalena. Uma idéia estranha se infiltra em seu cérebro: ambos são comunistas e estão conluídos para corromper os empregados da fazenda. Logo em seguida, ele é tomado de ciúmes, não apenas em relação a Padilha, mas também a todos os seus amigos incluindo o padre Silvestre e até os caboclos. Os ciúmes transformaram-se em ódio, Madalena começa a definhar fisicamente. As discussões aumentam, atingindo extrema violência, a ponto de Madalena chamar Paulo Honório de assassino.

Certo dia, já no limite da loucura, Paulo Honório encontra no pomar uma folha de papel que julga ser uma carta de sua esposa a algum homem. Enfurecido, agride-a e pensa em matá-la. Madalena mostra-se serena e como que desligada do mundo. Na noite seguinte, ela se suicida e Paulo Honório encontra uma longa carta a ele dirigida, na qual faltava exatamente a folha que achara perdida no pomar.

A derrocada

Passado não muito tempo, d. Glória e seu Ribeiro, o idoso contabilista que se afeiçoara a Madalena, deixam a fazenda. A revolução de 1930 explode, e Paulo Honório não se sente muito preocupado, pois acredita que as mudanças seriam insignificantes. Contudo, a crise econômica atinge São Bernardo, e ele começa a enfrentar dificuldades, em vista da queda de preços dos produtos agrícolas e do corte de crédito. Para agravar ainda mais a situação, os vizinhos decidem ir à forra e levam à justiça a questão das divisas. Paulo Honório perde o interesse pelo trabalho, e o mato começa a tomar conta da fazenda.

É por essa época – enquanto a crise econômica se aprofunda e as cercas dos vizinhos avançam – que se escreve a história de sua vida. Ao final,

tendo ao lado o filho, pelo qual não sente afeto, encerra a obra confessando-se descontente com o seu passado e infeliz com seu presente. Chega à conclusão de que seu erro fundamental fora ter sobressaído à classe social que pertencera durante o tempo de sua juventude. Os últimos parágrafos são admiráveis:

De longe em longe, sento-me fatigado e escrevo uma linha. Digo, em voz baixa:

- Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente. (...). Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que me aflige. (...) (RAMOS, 1994:188).

Neste primeiro capítulo apresentei o autor, conteúdo de sua obra, contexto histórico de sua produção e a obra objeto de estudo São Bernardo. A história de São Bernardo retrata o interior de Alagoas por volta de 1920, época em que o narrador, já maduro, lança-se no ambicioso projeto de transformar uma propriedade improdutiva em algo lucrativo.

Pode-se supor que a compra da Fazenda São Bernardo tenha sido realizada em meados da década de 1910. A construção da nova se propriedade já pronta em 1920. Não ficamos sabendo por quantos anos Paulo Honório exerceu a profissão de mascate, iniciada em 1904, aos 22 anos de idade.

São Bernardo é um romance de classificação – romance social e psicológico, onde cria uma obra de profunda análise das relações humanas. Sendo sem dúvida um dos romances mais densos da literatura brasileira, mostra a “tragédia do ciúme”, no plano afetivo; romance do desencontro entre Ter (Paulo Honório) e SER (Madalena).

Narrado em primeira pessoa – Paulo Honório conta a sua história depois de a ter vivido – vale-se das lembranças para expor fatos do presente e do passado, dando à história feições de memórias – conta sua vida em retrospectiva de guia de cego a proprietário da fazenda São Bernardo:

“tenciono contar a minha história (...). Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis.” (RAMOS, 1994: 8).

A recepção da obra pela crítica

São Bernardo, publicado em 1936 foi recebido com ressalvas pela esquerda, provavelmente pela expectativa gerada pelo fato de o autor ser simpatizante do comunismo. Para os intelectuais de esquerda o livro era bom, mas não tinha o principal “o movimento das massas, enfoque documental sobre a vida dos humildes, espírito de revolta”.

Graciliano, porém, não usaria *São Bernardo* para fazer média com seus amigos de esquerda. Para ele, enfatizar a questão social não significava abrir mão da introspecção, uma fusão possível quando o protagonista é um rude ensimesmado, não um proletário revolucionário. (URBAN, Revista Entrelivros, 2006).

São Bernardo foi considerado pela crítica como grande exemplo de romance psicossocial. Como afirma o crítico Hélio Pólvora em seu artigo para o jornal – O rascunho – jornal da literatura do Brasil:

Graciliano formula a cartilha de um modernismo que não veio de São Paulo, da Semana de Arte Moderna e seus desdobramentos, porque é produto da meditação solitária de um autodidata no sertão de Alagoas mais exatamente em de Palmeira dos Índios (Pólvora, 2004).

O romance *São Bernardo*, realizado a partir de um projeto de Leon Hirszman, resultou num filme rigoroso, que busca atingir a consciência crítica do espectador; mal lhe concede suficientemente tempo para que se desenvolva o envolvimento necessário para a revelação, em tom confessional, do drama do fazendeiro de origem humilíssima que, em sua violenta ascensão social, desprezou o lugar reservado ao afeto e à solidariedade para com os demais (CALIL, 1972).

Conforme afirma Hélio Pellegrino:

Graciliano Ramos é autor – e fonte inspiradora – de obras primas. Dois de seus romances, transcritos para o cinema, passaram a constituir pontos altos da cinematografia nacional. *Vidas Secas* forneceu a Nelson Pereira dos Santos a matéria com que elaborou o filme do mesmo nome. A película correu mundo, admirada e premiada, tornando-se um marco dentro do processo de evolução do cinema Novo brasileiro. Agora, Leon Hirzsmann vai lançar *S. Bernardo*, recodificando, em linguagem cinematográfica vigorosa e primorosa, o romance que, para mim, constitui a obra mestra de ficção do mestre Graciliano (PELLEGRINO, 1972).

Tentativa de reprodução fiel à linguagem de Graciliano Ramos, tendo Paulo Honório representado pelo ator Othon Bastos, protagonista de outras obras que procuravam a crítica das desigualdades e da injustiça social brasileira, como, por exemplo, *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha; a versão cinematográfica homônima de *São Bernardo* foi bem acolhida pela crítica, tendo sido premiada por mais de uma vez, recebendo, inclusive, o Prêmio “Margarida de Prata”, concedido pela CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Capítulo II – O Personagem Paulo Honório e o embrutecimento do ser

Identificação de Paulo Honório

Neste segundo capítulo deste trabalho, apresentarei o personagem Paulo Honório. Personagem-narrador construído por Graciliano Ramos como um ser embrutecido pelo meio e por meio do discurso de Paulo Honório, Graciliano Ramos descreve as transformações pelas quais o personagem passa.

O elemento essencial para a construção de sua identidade é a memória, o ato de lembrar teria como pretexto a fixação o tempo esvaído, além da construção de sua identidade a partir de muitas ações, pensamentos e sentimentos que compõem os personagens.

Através do personagem-narrador, a narrativa prospera em constante inversão premeditada de sentidos, as ações são violentas, a análise psicológica é fina.

O personagem é apresentado na obra em dois planos: Paulo Honório narrador e Paulo Honório personagem. Paulo Honório é um herói problemático buscando o entendimento na avaliação de si mesmo.

A história é contada num tempo posterior aos fatos, ou seja, Paulo Honório no passado vivenciou uma série de experiências, que agora, num tempo atual (já com cinquenta anos), pretende relatar em livro. O fluxo narrativo do personagem-narrador Paulo Honório aparecerá avaliativo, distante dos fatos, buscando entender a si, ao mundo e até mesmo seu processo de criação.

Paulo Honório o ser embrutecido – É impiedoso em sua condição. Não aprendeu as sutilezas das relações de caráter afetivo, e a precariedade de sua

vida pregressa leva-o a uma rigidez brutal. Tudo o que nele principia como afetividade se degenera em posse.

Paulo Honório dividiu o mundo entre proprietários e degradados. Quem tem propriedade – e é proprietário – vale. Quem não a tem, não vale nada. Sua vingança contra os que o fizeram trabalhar no cabo da enxada, a cinco tostões, na meninice, foi tomar-lhes a fazenda que morou e trabalhou quando criança.

Paulo Honório inverteu os papéis. Identificou-se com seus algozes no passado tornando-se um algoz no presente. De oprimido e explorado tornou-se um opressor e explorador, e ao mesmo tempo agressor de si mesmo.

Paulo Honório alienou-se na propriedade. Esta existia por ele, seu ser se confundia com seu ter. Tudo é válido desde que a propriedade cresça.

No terceiro capítulo do romance São Bernardo, Paulo Honório começa a escrever sua história, e sua trajetória de vida. Ao escrever, o narrador-personagem começa a exploração de suas lembranças, e de sua alma. Paulo Honório desconhecia sua própria origem, conforme perfil traçado por ele próprio: “tenciono contar a minha história (...). Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórias e dispensáveis.” (RAMOS, 1994).

Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinqüenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sobrelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor. (...) Para falar com franqueza, o número de anos assim positivo e a data de São Pedro são convencionais: adoto-os porque estão no livro de assentamentos de batizados da freguesia. Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Provavelmente eles tinham motivo para não desejarem ser conhecidos. Não posso, portanto, festejar com exatidão o meu aniversário. Em todo o caso, se houver diferença, não deve ser grande: mês a mais ou mês a menos, isto não vale nada: acontecimentos importantes estão nas mesmas condições. (RAMOS,1994:10-11).

Ao iniciar esse exercício, o narrador-personagem já nos apresenta e se apresenta - como um personagem de uma linguagem seca e direta.

Percebemos que autor Graciliano Ramos, não irá nos mostrar um Paulo Honório fácil de se entender e sim um herói problemático como outros personagens de seus romances, como por exemplo de Luiz da Silva de Angústia- publicado em 1936, e Fabiano de Vidas Secas em 1938.

Em angústia, em Luis da Silva não há ambição tal qual caracterizava Paulo Honório e sua sede de propriedade em *São Bernardo*, o romance anterior. Luis da Silva, ao contrário, não tem propósitos, não tem vontade, não tem nenhum sentimento forte. Álvaro Lins, em ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos, termina postulando que diante de seus romances estamos ante a filosofia do nada – a da absoluta negação e destruição – que o Senhor Graciliano Ramos cultiva para os seus personagens. A ascensão do Paulo Honório ou a decadência de Luis da Silva representam caminhos diferentes para o mesmo niilismo. Os demais personagens não se afastam desse fim melancólico (LINS, 2001).

Luís da Silva, protagonista e narrador, intelectual frustrado que sonha sempre que vai escrever e ficar famoso com suas obras. Tem aversão aos abastados. Complexado, tímido, acha-se feio, não consegue aceitar os amores e sensualidade dos outros, julgando tudo grosseiro e animalesco.

Já em *vidas Secas* (1938), temos o personagem Fabiano que é retratado por Graciliano Ramos – como duro e seco como a terra em que vive, no entanto, apesar de apresentar uma miséria e expectativa de vida ainda pior do que a de Paulo Honório, e por não ter a mesma saída que este encontrou para mudar sua realidade, não carrega consigo a amargura e pessimismo de Paulo Honório.

Mesmo enfrentando cotidianamente a penúria, as personagens de *Vidas Secas* cultivam uns poucos sonhos: Fabiano sonha com um lugar onde o trabalho não falte, a mulher engorde e vista saís de ramagens vistosas, os meninos possam ir à escola para aprender “coisas difíceis e necessárias”.

Antonio Candido demarca a diferença entre Fabiano, Paulo Honório e Luís da Silva: "Paulo Honório e Luís da Silva pensam, logo existem; Fabiano existe, simplesmente. O seu mundo interior é amorfo e nebuloso, como o dos

filhos e da cachorra Baleia. O que há nele são os mecanismos da associação e da participação; quando muito, o resíduo indigerido da atividade quotidiana". O crítico, por outro lado, percebe que a estrutura de pequenos quadros justapostos do romance "lembra certos polípticos medievais, onde a vida de um bem-aventurado ou os fastos de um herói se organizam em unidade bastante livre".

Em *Vidas secas* - acrescenta Candido -, Graciliano muda a técnica narrativa. Nos romances anteriores, tinha-se a narrativa em primeira pessoa e o diálogo como marcas constantes: "A rusticidade dos personagens tornava impossível a primeira técnica [a do uso da primeira pessoa]; a segunda [a da exploração do diálogo] viria trazer uma ruptura do admirável ritmo narrativo que adotou, e solda no mesmo fluxo o mundo interior e o mundo exterior". No que se refere ao primeiro aspecto apontado pelo crítico, o da rusticidade do personagem que inabilita o uso da primeira pessoa, fico pensando no caso de Guimarães Rosa, especialmente de um conto como *Meu tio o iauaretê*.⁴

Voltando ao nosso personagem em estudo - Paulo Honório, se difere dos personagens de Graciliano, Paulo Honório encarna uma classe de remanescentes de uma sociedade patriarcal que acompanha a decadência de práticas perdidas no passado, dissolvidas que foram pela modernização capitalista.

Paulo Honório / personagem – narrador de sua história, conta como foi o percurso sua vida, e os fatos ocorridos desde sua infância até o momento em que se encontra, buscando no exercício de escrever refletir o passado. E é neste instante, no exercício de relembrar o passado, é que o personagem mostrará seu verdadeiro nível de consciência.

O exercício da lembrança segundo a filósofa Marilena Chauí, baseada em Matéria e memória, de Henri Bergson, estabelece distinção entre lembrar e recordar, sendo lembrar um fato involuntário, pois deriva de uma questão inconsciente e não está sob controle, ao contrário de recordar, em que há o esforço voluntário para resgatar fragmentos de memória. E esta tentativa de

⁴ Entrevista do escritor Antônio Candido ao Jornal – rascunho O jornal da Literatura do Brasil. Curitiba/PR s/d.

resgate de sua história é que percebemos no personagem Paulo Honório, onde este busca desesperadamente entender os seus atos ou até mesmo justificá-los.

Mas é em São Bernardo que o foco narrativo em primeira pessoa mostrará a sua verdadeira força na medida em que seria capaz de configurar, o nível de consciência de um homem que, tendo conquistado a duras penas um lugar ao sol, absorveu na sua longa jornada toda agressividade latente em um sistema de competição. Paulo Honório cresceu e afirmou-se no clima da posse, mas a sua união com professorinha idealista da cidade vem a ser o único, e decisivo malogro daquela posição de propriedade estendida a um ser humano. (...) (BOSI, s/d. p.454-455)

Paulo Honório, após iniciar seu livro dizendo não saber de sua origem, vai mostrando como entendeu sua condição na vida que lhe apresentava. “Sou, pois o iniciador de uma família, o que se por um lado me causa decepção, por outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres, indivíduos que de ordinário escorregam com uma sem-vergonheza da peste na intimidade dos que vão trepando” (RAMOS, 1994: 11).

Se tentasse contar-lhes a minha meninice, precisava mentir. Julgo que rolei por aí à toa. Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida, que vendia doces. O cego desapareceu. A velha Margarida mora aqui em S. Bernardo (...). (RAMOS, 1994:11)

Até dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. Ai pratiquei o meu primeiro ato digno de referência. Numa sentinela, que acabou em furdunço, abreequei a Germana, Cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto. Depois botou os quartos de banda e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes. Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó-de-boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendia leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes.(RAMOS, 1994: 12-13).

Paulo Honório se apresenta de maneira muito seca, sem sentimentalismo, e quer mostrar ao leitor o que considera importante, e ao fazer isto seleciona os fatos de sua memória, aparentemente marcantes de uma fase para outra, sem entrar em maiores detalhes. Portanto, o trabalho de estudo do personagem será a busca de uma hermenêutica da consciência, tentativa de preencher as lacunas do discurso de Paulo Honório.

Paulo Honório: o ser embrutecido

A partir desta parte da narrativa, o personagem buscará em suas lembranças explicar suas ações o que chamará mais adiante de um “ser embrutecido pelo meio”. Ao narrar os acontecimentos de sua vida, Paulo Honório no início de sua luta da subsistência, fala secamente desse trajeto. “Sofri sede e fome, dormi na areia e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas” (RAMOS, 1994:12), Está um exemplo. O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes.” (...) “Chorei as minhas desgraças: tinha obrigações em penca, aquilo não era trato , e tal, enfim, etc.” (RAMOS, 1994:13).

Nesta passagem Paulo Honório nos apresenta seu aprendizado em lidar com as relações comerciais as quais se envolveu e como aprendeu a não sair perdendo de tais situações:

(...) O safado do velhaco, turuna, homem de facão grande no município dele, passou-me um esbregue. Não desanimei escolhi uns rapazes em Cancalancó e quando o doutor ia para fazenda caí-lhe em cima, de supetão. Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás, alastrados e rabos-de-raposa.

- Vamos ver quem tem roupa na mochila. Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa.

O doutor, que ensinou rato a furar almotolia, sacudiu-me a justiça e a religião.

- Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que o senhor vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangrá-lo devarinho (RAMOS, 1994:13).

A partir daí a narrativa segue cada vez mais intensa no que diz respeito à agressividade e rudeza com que Paulo Honório lidava com seus problemas, resolveu se estabelecer em sua terra Viçosa, Alagoas, e “perseguir” como ele mesmo afirma o dinheiro. Estava cansado “daquela vida de cigano” pg.14.

(...) O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S.Bernardo, construir esta casa, plantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. Tudo isso é fácil quando está terminado e embira-se em duas linhas, mas para o sujeito que vai começar, olha os quatro cantos e não tem que se pegue, as dificuldades são terríveis. Há também a capela, que fiz por insinuações de padre Silvestre. (RAMOS, 1994: 9).

No seu percurso de conquistas materiais, para as quais nem sempre utilizava estratégias muito ortodoxas, a compra da fazenda São Bernardo tornou-se para Paulo Honório, símbolo de seu sucesso como empreendedor. A negociação da fazenda foi tensa, a cobrança de uma dívida nem sempre o acordo é bom para ambas as partes. Mas, Paulo Honório não pensa assim. (...) levei Padilha para a cidade, vigie-o durante a noite. No outro dia cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinquenta mil-réis. Não tive remorsos (RAMOS, 1994: 24).

Podemos analisar o comportamento de Paulo Honório diante da obstinação pelo poder, com o conceito que Hebert Marcuse definiu como a “sociedade unidimensional”, onde o filósofo alemão utiliza a expressão para demonstrar o controle que este tipo de sociedade exerce sobre as consciências humanas. O Homem Unidimensional é um ser que se encontra alienado, preso aos seus objetos e aos estereótipos que constrói, ou que lhes são impostos, idéias e reações prescritas pela sociedade industrial e de consumo.

O Homem Unidimensional conhece apenas uma realidade – a sociedade unidimensional – que se impõe à sua ideologia, através da publicidade e dos seus produtos. Torna-se onipresente e não permite quaisquer outras formas de pensar ou agir. Toda a existência do Homem Unidimensional desenvolve-se na sociedade consumo. Isto resulta na objetificação do Homem – ele torna-se objeto dos seus objetos e da indústria – e, conseqüentemente, na sua padronização e mecanização.

Pegando de empréstimo a teoria de Marcuse, entendemos que Paulo Honório, apesar de estar a parte do processo de industrialização de 1930, o personagem não deixa de estar alienado ao sistema - no seu modo de ver o mundo, onde o ter é mais importante que o ser. Não há lugar para a autonomia humana, para a independência de pensamento. O mundo que Paulo Honório conhece só os valores materiais é que contam.

A posse de São Bernardo, para Paulo Honório, era fundamental. Adquiri-la significava respeito. Quando criança aprendera que só os poderosos são respeitados, daí a obsessão por ganhar dinheiro, e por mandar; nota-se tal procedimento já na posse da fazenda: Pensei que, em vez de aterrar o charco, era melhor mandar chamar mestre Caetano para trabalhar na pedreira. Mas não dei contra-ordem, coisa prejudicial a um chefe (RAMOS, 1994: 27).

Paulo Honório está se acostumando a ser chefe, daí a necessidade de se impor para ser respeitado. A fazenda passou a ter objetos que Paulo Honório sequer utiliza: (...) Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem (RAMOS, 1994: 38).

O processo de reificação de Paulo Honório vai acontecendo quase que naturalmente, a partir do momento em Paulo Honório define seu projeto de vida, e não faz nenhuma reflexão moral ou ética de seus atos cometidos ou mesmo necessários para continuar sua trajetória. Este, não só passa a ser reificado pelo sistema como também é um reificador do sistema por conta de sua condição de proprietário da fazenda e por seu papel de modernizador e consciência de posse de terras e de gente. Paulo Honório submete todos com

que se relaciona ao processo de reificação; seu critério para se relacionar com as pessoas é uma utilidade que lhe possam ter: como vemos no trecho:

- Perguntei qual é o ordenado, tornou Padilha timidamente.
Coitado! Tão miúdo, tão chato, parecia um percevejo.
- Conforme. Nem sei quanto você vale (...) (RAMOS, 1994: 49).

Notamos que uma só vez, Paulo Honório agiu com obediência ao seu sentimento de gratidão, acolhendo a velha Margarida que o alimentou na infância e que mantém uma espécie de ternura e a chamava de - mãe Margarida, apesar de seu jeito rude de ser. Ainda assim, as relações afetivas só se concretizam numericamente:

A velha Margarida mora aqui em São Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu (...) (RAMOS, 1994:11).

Mesmo que Paulo Honório tenha feito uma boa ação, acolhendo a velha Margarida, tudo será avaliado pelo valor monetário que possui, é o que Alfredo Bosi, chamará de “universo do ter”, que se amplia a cada atitude sua. A instrução, a cultura, para ele é uma das coisas mais inúteis - são supérfluas, frente á necessidade maior, que é a da posse.

Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos?

- Esses homens do governo têm um parafuso frouxo. Metam pessoal letrado na apanha da mamona. Hão de ver a colheita (RAMOS, 1994: 42).

Paulo Honório construirá uma escola na fazenda, buscando, em troca “benevolência do governador”; assim será também com a igreja (...) “a escola seria um capital. Os alicerces da igreja eram também um capital” (RAMOS, 1994:43).

(...) De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar.

- Pois sim senhor. Quando V.excia. Vier aqui outra vez, encontrará essa gente aprendendo cartilha.

(...) S.. excia, despediu-se, e aquela data ficou célebre. Os automóveis rolaram na estrada. Olhando a nuvem de poeira que levantavam, esfreguei as mãos:

- Com os diabos! Esta visita me traz uma penca de vantagens. Um capital. Quero ver quanto rende. (RAMOS, 1994: 43).

Considerando que a narrativa do personagem não é linear, em meio às suas lembranças Paulo Honório, reflete sobre suas ações, não sabe ao certo se tudo foi bom ou ruim, mas tem a certeza que tudo fora válido para atingir seu objetivo.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, Topando os obstáculos mencionados, eu haja precedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar, contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais formam os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que me deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las. (RAMOS, 1994: 38-39).

Daí por diante Paulo Honório, prospera, sua narrativa se concentra no relato de seu trabalho na fazenda e o que fez para enriquecer. O personagem justifica tudo que fez em prol do progresso.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes (RAMOS, 1994:39).

A filosofia do ter embruteceu Paulo Honório. Ao pensar, por exemplo, em um relacionamento entre homem e mulher, vê-os como “machos e fêmeas” (RAMOS, 1994: 64). Por isso, ao pensar no casamento, buscará inicialmente o “herdeiro de São Bernardo”, alguém capaz de herdar sua obsessão pelo ter. Madalena parece adequada. Cogitando a possibilidade de casar-se com ela, imagina de imediato, a reprodução dos “bons espécimes”, reproduzir filhos não é diferente de reproduzir animais (...) se o casal for bom, os filhos saem bons, se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem põe. Conheço o meu Manual de zootecnia. (RAMOS, 1994: 87).

A idéia de casamento acontece também em forma de aquisição de um objeto, neste caso o objeto uma mulher, que nesta altura da vida de Paulo Honório a estrutura familiar – esposa e depois um filho lhe era conveniente e lhe daria status.

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que a mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

A que eu conhecia era a Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. Por elas eu julgava todas. Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo. (RAMOS, 1994: 57).

A escolha da esposa se deu em nível de contatos e referências que lhe foram dadas pelos seus amigos João Nogueira - e Azevedo Gondim, Paulo Honório se aproxima de Madalena primeiramente para convidá-la para dar aulas em sua escola na fazenda, porém diante da recusa de Madalena, ele propõe o casamento, sua proposta é totalmente desprovida de sentimento.

- Está aí. Resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me enquadra... Sim, como me engracei da senhora quando a vi pela primeira vez...

- Já se vê que não sou o homem ideal que a senhora tem na cabeça. (...) A senhora, pelo que me mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família. (RAMOS, 1994: 88).

Neste trecho podemos perceber como Paulo Honório conduz suas negociações, ele é rápido, direto, não deixa espaço para Madalena falar, e suas argumentações, pouco importam para ele, Paulo Honório sabe o que quer; mesmo Madalena alegando o pouco conhecimento entre os dois não ser suficiente para um casamento, isto de nada adianta; chega até mesmo a dizer que é muito pobre – como Jó, e que precisa refletir. Nada adianta, pois Paulo Honório está tratando de negócios, e deixa claro que o negócio é bom para ele, para ambos até. Argumenta: “E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que eu lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu” (RAMOS, 1994: 89). Sendo assim, também acredita que atrairá Madalena, mostrando-lhe o que há em São Bernardo, desde as aves até a extensão das terras. Chega inclusive a colocar para Madalena o casamento como uma espécie de negócio, como algo que lhe possa “garantir o futuro”.

Uma semana depois, Paulo Honório volta a procurar Madalena, para saber de sua resposta, Madalena confessa não sentir amor, mas, insiste Paulo Honório, sentimento não é necessário nos negócios. “– Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia isso, eu não acreditaria. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções às cegas”. (RAMOS, 1994: 93). Sem saída

Madalena pede um tempo, um ano, e mais uma vez é pressionada: “– Um ano? Negócio com prazo de ano não presta” (RAMOS, 1994: 93).

Uma vez que Paulo Honório conduz a narrativa, temos apenas a visão de Madalena dada por ele, com foco narrativo dele, o que gera uma visão parcial da história e com o máximo de distanciamento, Madalena não se revelará mais tarde, como alguém que valorize os bens materiais - (no relato de Paulo Honório, ele cita a dedicação de Madalena aos pobres e aos funcionários da fazenda).

E como veremos a seguir Madalena, não será o objeto que Paulo Honório, pensa estar adquirindo, não será reificada. A mulher segundo suas próprias palavras, é “um bicho esquisito”, sendo assim faria parte de suas propriedades, submetendo-se ao seu governo. A mulher para ele é mais um bicho com a função de procriar, o que lhe renderá crias – um herdeiro para São Bernardo.

Lukács (2003) descreve o fenômeno da reificação como:

[...] o desenvolvimento do capitalismo moderno não somente transforma as relações de produção conforme sua necessidade, mas também integra no conjunto do seu sistema as formas do capitalismo primitivo que, nas sociedades pré-capitalistas, levavam uma existência isolada e separada da produção, e as converte em membros do processo doravante unificado de capitalização radical de toda a sociedade (capital mercantil, função do dinheiro como tesouro ou como capital financeiro etc.). Embora essas formas do capital estejam objetivamente submetidas ao processo vital próprio do capital, à extração da mais-valia na própria produção, elas só podem ser compreendidas, portanto, a partir da essência do capitalismo industrial, mas aparecem, na consciência do homem e da sociedade burguesa, como formas puras, verdadeiras e autênticas do capital. (LUKÁCS, 2003: 211)

A força reificadora de Paulo Honório advém de sua cega submissão ao desejo de lucro e da busca de ampliação constante de seus domínios: “ele aliena-se à fazenda, é possuído por sua própria paixão” (COUTINHO, 1967: 154).

Agarrado a uma visão mecanicista do mundo, Paulo Honório analisa e quantifica tudo, inclusive as relações humanas, e, diante do suicídio de Madalena, esposa que se recusa à reificação⁵, inicia um processo introspectivo de rememoração. E estas lembranças são carregadas de sombras e espectros, o tempo se dilata e a articulação com o passado significa um olhar para dentro de si, é como se nesse momento Paulo Honório se desnudasse para entender o passado. É a busca do autoconhecimento, tentando justificar-se a si mesmo.

Nestas lembranças, como aponta M. Izabel Brunacci, a narrativa de Paulo Honório evidencia o processo de reificação do personagem, uma vez que o “lócus discursivo de onde emana o processo narrativo é a consciência reificada de Paulo Honório” (BRUNACCI, 2008: 146)

O homem reificado é este aleijão que ele no descreve e vemos por toda a parte: o coração miúdo e uma boca enorme, dedos enormes. O sentimento de propriedade, que unifica todo o romance do qual o ciúme é apenas uma modalidade, distorce o homem desta maneira radical. A vida agreste é culpada por Paulo Honório não ser capaz de enxergar Madalena. A vida agreste são as lutas pela propriedade, pelo rebanho, pelas plantações de algodão e mamona, pelo poder e pelo capital. O homem agreste é aquele ser no qual se transformou Paulo Honório: egoísta e brutal, este não consegue compreender a mulher, pois é incapaz de senti-la em sua integridade humana e em sua liberdade, e a considera apenas como mais uma coisa a ser possuída. (Lafetá, 2004: 91).

⁵ Reificação (do latim. Res: coisa) 1. Termo que possui sentido geralmente negativo, designado a transformação de uma “representação mental em uma “coisa”, atribuindo-lhe assim uma realidade autônoma, objetiva. 2. Segundo a teoria marxista, a reificação é o último estágio da “alienação do trabalhador, no sentido de que sua força de trabalho se transforma em valor de troca, escapando a seu próprio controle e tornando-se uma “coisa autônoma”. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2005).

O rebanho humano de São Bernardo

São Bernardo, não é apenas uma fazenda, uma propriedade. É o símbolo de poder para Paulo Honório, como já dissemos antes – Paulo Honório utiliza a propriedade para maximizar seu poder, sua trajetória ascendente faz da violência e da intimidação recursos indispensáveis. Mais ainda, São Bernardo representará, para Paulo Honório, ao menos até o momento em que perde Madalena, a realização de tudo aquilo que projetou em sua vida, chegando a confundir-se, simbolicamente, a existência de ambos, fazenda e fazendeiro.

Paulo Honório desumanizou-se e alienou-se radicalmente, uma vez que ratificou a premissa segundo a qual o ser humano não vale nada: vale a propriedade que o valoriza e faz dele um proprietário.

O conceito de alienação que empregamos para caracterizar o personagem se encontra em sua “crença” da posse como seu paradigma de vida. Para Antonio Candido, sua concepção fundamental de mundo supera a indiferença na escolha dos detalhes de todas as ações diretamente vinculadas à vida e ao processo de busca de identidade e consciência de Paulo Honório.

Rebanho⁶ é o termo usado para grupo de animais, o termo é usado geralmente aos mamíferos, mas aqui o conceito é utilizado para o homem, Paulo Honório proprietário de terras, máquinas e de “gente”; é assim que o personagem se relaciona com as pessoas que lhe servem, e as pessoas que não são em sob o seu domínio, mas que de alguma maneira tem serventia para ele, são tratadas objetos de troca de ocasião.

Além das terras de São Bernardo as pessoas que trabalham para Paulo Honório também fazem parte de seu capital, são contados e avaliados tal qual

⁶ **rebanho**¹ re.ba.nho¹ sm **1** Porção de gado lanígero. **2** *por ext* Conjunto de outros animais guardados por um pastor. **3** Conjunto de fiéis de uma religião, em relação ao seu guia espiritual; grei, grêmio. **4** Grupo de homens que se deixam guiar o capricho de um chefe. *R. espiritual: os paroquianos.* MICHAELIS, Dicionário de Português, Melhoramentos SP. 2009.

o gado no pasto e suas máquinas. O personagem classifica seus empregados de acordo com sua serventia e conveniência do momento.

Para Paulo Honório as pessoas que lhe serviam eram como bichos. Até mesmo ao pensar num relacionamento entre homem e mulher, vê-os como "machos e fêmeas". Classificava-os como bichos domésticos, bichos do mato, bichos para serviço do campo, bois mansos. Definia as casas de seus empregados como currais e seus filhos como bezerrinhos.

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus. (RAMOS, 1994, p. 185).

O dicionário Aurélio registra animalizar como sinônimo de tornar *bruto*, embrutecer, bestializar. A *Encyclopedia e Dicionário Internacional* de W.M. Jackson, Inc. Editores, (Rio de Janeiro), registra o verbete *animalizar (sic)* no seu vol. I: "Reduzir aos instintos, aos apetites, aos gostos do animal; o *philosophismo* animaliza o homem; a religião diviniza-o/ por ext. *Rebaixar-se, descer ao estado animal: Entregar-se as paixões brutas é, a bem dizer, animalizar-se.*" Por mais que um ser humano tenha apreço pelos animais, jamais gostaria de ver seus atos classificados como os de um animal. Se um homem pode atingir este estado de animalização, nada mais oportuno que considerar este fenômeno uma "doença". (Naturalmente, o fato recente da gíria "animal!" com valoração positiva é mais um exemplo do conhecido fenômeno - descrito por C. S. Lewis - de inversão da polaridade: o negativo pode significar positivo: o mesmo ocorreu com "tremendo", "formidável", "fantástico" etc.).

Fazendo uma analogia do conceito de animalização acima exposto encontramos em Paulo Honório não só o embrutecimento de seu ser, como também, sua entrega obsessiva pelo poder. Mas o personagem se considerava acima dos demais de sua convivência, portanto todos que lhe serviam eram

para ele como animais; parte de seu rebanho, que deveriam obedecer sem questionar, pois como animais o rebanho de Paulo Honório só visa a sobrevivência, vive em grupo e apenas aceita, não contesta seu papel social.

A relação estabelecida entre Paulo Honório e o mundo é uma relação humana que se transforma em uma relação entre coisas, entre possuidor e possuído. Ilusoriamente tudo se transforma em valor de troca, e tal sentimento faz com que Paulo Honório manipule as pessoas que o cercam conforme sua vontade; as pessoas também, uma vez que o fazendeiro as considera parte de suas posses. Luiz Padilha, por exemplo, transforma-se em suas mãos num objeto; Marciano e Rosa, d. Glória, Casimiro Lopes – todos são coisas que servem a seus desígnios. Mestre Caetano, entrevado no leito, deixa de merecer sua consideração: “Necessitava, é claro, mas se eu fosse sustentar os necessitados, arrasava-me”. Os despossuídos, os cabras que trabalhavam no eito de sua fazenda, são considerados apenas do ponto de vista da quantidade de trabalho que podem oferecer.

O rebanho humano de Paulo Honório era composto por Luiz Padilha, seu Ribeiro, Mestre Caetano, Azevedo Gondim, Casimiro Lopes, João Nogueira, Marciano e Rosa.

Luiz Padilha vítima dos planos de posse de Paulo Honório. Após a morte do pai Padilha se envolve em dívidas, farras e mulheres, e acaba passando a fazenda São Bernardo para Paulo Honório como resgate de dívidas.

“Seu” Ribeiro – Paulo Honório o encontrou em Maceió, trabalhando na Gazeta do Brito – simpatizou com ele e levou-o para São Bernardo para ser guarda-livros.

Mestre Caetano – Tomava conta da pedreira. Adoeceu de tanto trabalhar. Se não fosse Madalena, não teria recebido nenhuma assistência.

Casimiro Lopes – Amigo de Paulo Honório desde os tempos difíceis, corajoso, laça, rasteja, tem faro e fidelidade de cão. Executa as ordens de Paulo Honório sem discuti-las.

Marciano – Tomava conta dos bichos. Paulo Honório o considerava um molambo, certa vez, deu-lhe uns tapas e, por isso, indispôs-se com Madalena.

Rosa – Casada com Marciano. Mulher com quem o narrador se envolvia às escondidas. “Tive sempre cuidado de mandá-lo à cidade, as compras, oportunamente” (RAMOS, 1994: 109).

Azevedo Gondim e João Nogueira, não trabalhavam na fazenda, porém mantinha uma relação de amizade com Paulo Honório, a qual lhe era conveniente, uma vez que Paulo Honório se cercava de pessoas que tinham serventia para ele. Azevedo Gondim - era redator e diretor do jornal O Cruzeiro; João Nogueira – advogado e amigo.

O rebanho humano de São Bernardo é justificado pela visão de desprezo que Paulo Honório tem de seus trabalhadores, ele percebe que houve um distanciamento entre eles e que seu modo de pensar e ver o mundo é muito diferente dos demais, mas ele não questionará esta situação, até porque lhe é favorável, como ele mesmo afirma no trecho:

(...) A Rosa com a barriga quebrada de tanto parir, trabalha em casa, trabalha no campo, trabalha na cama. O marido é cada vez mais molambo. E os moradores que me restam são uns cambembes como ele.

Para ser franco, declaro que esses infelizes não me inspiram simpatia. Lastimo a situação em que se acham, reconheço ter contribuído para isso mas não vou além. Estamos tão separados! A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou. (RAMOS, 1994:190).

Paulo Honório em suas voltas com a narrativa reconhece seu erro, mas joga a culpa em fatores externos. Tenta acalmar sua consciência, mas a dor do reconhecimento e da perda já está instalada no interior do personagem. Paulo Honório iludiu-se com a crença de acumular bens e agora acumula perdas; destruiu a si mesmo e aos outros. Assim, Paulo Honório deixa de ser uma máquina registradora, torna-se apenas um ser humano entre outros, capaz de refletir, mas incapaz de chegar a respostas definitivas.

Capítulo III – O caminho para a humanização

O percurso de sua humanização

A partir da definição de reificação por Lukács, acreditamos que o termo permita se aproximar do comportamento de Paulo Honório; este se encontra de tal maneira comprometido com o sistema cruel e desumanizante apresentado em sua narrativa; isso nos leva a fazer uma leitura hermenêutica que permita compreender a transformação de seu posicionamento perante a vida.

Paulo Honório não tem compreensão da totalidade do sistema capitalista em vigor e crê apenas mover-se a partir de sua própria vontade, de sua determinação inicial de ser dono de terra e de gente. A crença que Paulo Honório é com ele mesmo, sem compromisso com ninguém, apenas com suas convicções; incapaz de perceber a si próprio como apenas mais um mecanismo na engrenagem da lógica perversa que se está estabelecendo no processo de modernização sócio-econômica. Paulo Honório em seu trajeto não pediu conselhos, não confidenciou seus sonhos, não se socializou, portanto, tudo que fez acredita que deve somente a si próprio, os lucros e prejuízos. Individualista, voltado apenas para seus ideais, não se deu oportunidade de relações e quando convive com Madalena, mesmo que a princípio não perceba, começa a transformação de sua existência, seu processo de humanização, que exigirá sua catarse⁷.

A humanização de Paulo Honório é a consequência de todo este processo resultante do confronto com Madalena, este processo é gradativo, a trajetória deste caminho culmina com morte de Madalena, que gera uma busca de autoconhecimento do personagem. Nesta busca começa a redenção de Paulo Honório, quando diante do que ele mesmo chama de “absurdo”, que é o

⁷ Catarse (do grego *Κάθαρσις* "kátharsis") é uma palavra utilizada em diversos contextos, como a tragédia, a medicina ou a psicanálise, que significa "purificação", "evacuação" ou "purgação". Segundo Aristóteles, a catarse refere-se à purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um drama. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2005).

suicídio de Madalena, se vê obrigado a resgatar em suas lembranças o passado e a procurar organizá-las, dar um sentido aquilo que não o possuía.

A interferência de Madalena sobre Paulo Honório se desenvolve gradativamente, desde que ele a vê pela primeira vez e adensa-se após sua morte.

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste (RAMOS, 1994:100).

A presença de Madalena é tão desconcertante para Paulo Honório, que desde início da narrativa quando ele fala de Madalena, seu tom muda, sua linguagem deixa a rispidez e a agressividade habituais, destaca-se pelo uso de diminutivos e adjetivos.

A diferença de linguagem quando se refere a Madalena e quando se refere a d. Marcela é significativa. O mais importante, entretanto, é que Madalena passa a ocupar, a partir deste instante, o lugar central dos acontecimentos: “como o silêncio se prolongasse, repliquei ao Nogueira quase me dirigindo a lourinha (...)” E depois “Percorri a cidade, bestando, impressionado com os olhos da mocinha loura e esperando um acaso que fizesse saber o nome dela” (LAFETÁ, 1994: 203)

Madalena, trás a tona um Paulo Honório que, desconhecido dele próprio, nunca se mostrou; é no embate com madalena que podemos perceber como Paulo Honório se desestrutura. É interessante perceber a interferência de Madalena em Paulo Honório, uma vez que se sabe que a mulher, e principalmente na década de 1920-30, não tinha voz ativa, um posicionamento de expressão, a ponto de participar de reuniões discutindo política como aparece no romance - Madalena no jantar, discutindo com Paulo Honório e seus convidados.

Ainda assim, Paulo Honório não tinha uma postura objetiva contra Madalena, o que é um contra-senso considerando-se seu comportamento rude, autoritário, violento e até impiedoso como que tinha com os demais personagens, por exemplo, Marciano, que a apanha de Paulo Honório. Talvez, Madalena fosse o reflexo de um Paulo Honório mais humano, que se perdeu no tempo. E Madalena representaria a generosidade, valores humanísticos aos quais Paulo Honório atribuía pouca importância, ou mesmo desconhecia até encontrá-la. Paulo Honório não teve uma vida fácil, não teve esperanças, nem sequer parou para refletir, pois sabia que não tinha ninguém que se preocupasse com o seu sofrimento, também não pensou no próximo, sentimentos não faziam parte de sua vida.

A morte de Madalena deixa Paulo Honório desamparado novamente, o mesmo desamparo do início de sua vida, o qual não conhecera pai nem mãe, nome, também não tinha. Paulo Honório em seus pensamentos lembra-se de Madalena, sente saudade de suas conversas, seus sentimentos não são claros. Seu sofrimento é grande, talvez por que nunca sentira antes, não conhecia tal sentimento, que outrora achou perda de tempo sentir, não valia a pena.

Paulo Honório já estava modificado, poderia ter encontrado no amor de Madalena, outro sentido para sua existência, mas infelizmente sua voracidade pelo poder não deixou.

Quando Paulo Honório pensa ouvir a voz de Madalena, percebe-se em sua narrativa um pulso de emoção, que logo este pensamento vira frustração, uma decepção. Arrependimento, Paulo Honório nunca sentira, talvez não saiba exatamente o que é, mas há um vácuo em sua alma, e este vazio é tão grande que Paulo Honório espera olhando para um relógio parado, (que também não tem desejo de por para funcionar), um não sei o que.

A solidão de Paulo Honório é a solidão mais solitária que pode existir – e isto não é uma redundância, e sim uma constatação de uma situação que vive o personagem, onde ele não tem saída, não existe nada, apenas o vazio.

Lá fora há uma treva dos diabos, um grande silêncio. Entretanto o luar entra por uma janela fechada e o nordeste furioso espalha folhas secas no chão.

É horrível! Se aparecesse alguém... Estão todos dormindo.

Se ao menos a criança chorasse... Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria!

Casimiro Lopes está dormindo. Marciano está dormindo. Patifes!

E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos. (p.191).

Graciliano Ramos não via saída para Paulo Honório, deixou o final do romance aberto para uma breve hermenêutica da existência de Paulo Honório. Quando a mais valia do ter não dá conta das angústias humana como fica Paulo Honório?

Os últimos momentos de Paulo Honório com Madalena acontecem na sacristia da igreja que Paulo Honório havia construído em sua fazenda, neste momento acontece o diálogo mais denso entre os dois, uma vez que ele não sabe o que irá acontecer. Paulo Honório pede explicações sobre uma carta que acha que madalena havia escrito para um homem, Madalena estava indiferente às perguntas de Paulo.

- A senhora escreveu uma carta (...)

Nem sei quanto tempo estive ali, em pé. A minha raiva se transformava em angústia, a angústia se transformava em cansaço.

- Para quem era a carta?

E olhava alternadamente Madalena e os santos do oratório. Os santos não sabiam, Madalena não quis responder.

O que me espantava era a tranqüilidade que havia no rosto dela. Eu tinha chegado fervendo, projetando matá-la. Podia viver com a autora de semelhante maroteira?

À medida, porém, que as horas se passavam, sentia-me caído num estado de perplexidade e covardia.

As imagens de gesso não se importavam com a minha aflição. E Madalena tinha quase a impassibilidade delas. Porque estaria assim tão calma? (RAMOS, 1994:161-162).

- O que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo.

Palavras de arrependimento vieram-me à boca. Engoli-as, forçado por um orgulho estúpido. Muitas vezes por falta de um grito se perde uma boiada (RAMOS, 1994:163).

Percebemos que Paulo Honório, já nesta parte da história estava mudado, o conflito se instalara em seu íntimo, não apenas pelo ciúme, mas por sentir que estava perdendo Madalena, e não saber lidar com esse sentimento novo, que invadira sua alma. E vieram os porquês: "Porque não acompanhei a pobrezinha? Nem sei. Porque guardava um resto de dignidade besta. Porque ela não me convidou. Porque me invadiu uma grande preguiça" (RAMOS, 1994:167).

Consumado o suicídio de Madalena, Paulo Honório em desespero, busca uma esperança, esperança que ele mesmo afirma – é uma esperança absurda.

- A Deus nada é impossível.

Era uma frase ouvida no campo, dias antes, e, que me voltava, oferecendo-me esperança absurda:

Pus um espelho diante da boca de Madalena, levantei-lhe as pálpebras. E repetia maquinalmente:

- A Deus nada é impossível.

- Que desastre, senhor Paulo Honório, que irreparável desastre!(...) (RAMOS, 1994:168).

Paulo Honório reconhece que não mudaria, "faria tudo novamente", mas esta afirmação não tem a mesma força, a mesma convicção que conhecemos nosso personagem do início do romance, temos agora um personagem que descobriu o sofrimento da alma, e queria ter esperança.

Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e ascendo-a. Sinto um arrepio. A lembrança de Madalena persegue-me. Diligencio afastá-la e caminho em redor da mesa. Aperto as mãos de tal forma que me firo com a unhas, e quando caio em mim estou de tirar sangue.

De longe em longe sinto-me fatigado e escrevo uma linha. Digo em voz baixa:

- Estraguei a minha vida estupidamente.

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o mais me aflige (RAMOS, 1994:188).

Instaura-se um vazio em Paulo Honório, estranho a si próprio, busca sua essência. No último capítulo há um afastamento do narrador-personagem do personagem-narrador. Paulo Honório – personagem em suas lembranças parece estar num espelho, usando simbolicamente a devolução do seu “eu”, como no conto de Machado de Assis – o Espelho - onde o autor afirma que temos duas almas. Alma interior e alma exterior, usando esta definição para Paulo Honório – percebemos que se instaura em nosso personagem o vazio de dentro, inteiramente ocupado pela alma de fora.

O externo de Paulo Honório, já não vale mais nada, está destruído, sobraram apenas lembranças, sombras, vazio, e culpa.

Talvez, Graciliano Ramos tenha preferido deixar aos seus leitores a discussão do futuro de Paulo Honório. O personagem justifica sua vida por causa da vida agreste que teve, parece que a vida não lhe deixou outra escolha.

O final da narrativa de Paulo Honório – (o fim de seu livro) é considerada pelos críticos de diferentes maneiras: Para Antonio Candido, o texto resulta de uma violência de Paulo Honório contra si próprio e assinala a desintegração de sua "pujança". Para Lafetá, a partir de Lukács, "a vida terminou, o romance começa". E, para Barros Baptista (2004: 209), o livro marca a "impossibilidade" de outros eventos na existência do personagem, "condenado a sobreviver ao fim da própria vida".

Uma possível transcendência

Com todos esses acontecimentos na vida de Paulo Honório, como já foi dito anteriormente, se percebe que o personagem ao finalizar sua história não é mais o mesmo, está modificado, está humanizado, sofre, sente culpa, se arrepende se auto-questiona, vai além de suas expectativas de si mesmo. Esse exercício de autoconhecimento poderíamos entender como uma possível transcendência do personagem, mesmo que o autor não deixe claro isto.

Paulo Honório em várias passagens no final do livro, deixa claro sua tomada de consciência de que seu caminho tomado, não fora o certo.

Reconhece se colocou acima de sua classe, de guia de cego, vendedor de doces, trabalhador alugado se elevou bastante, mas reconhece também que a superioridade que lhe envaidece é mesquinha, pois agora não gosta do que se tornou, como vemos no trecho abaixo:

Alem disso estou certo de que a escrituração mercantil, os manuais de agricultura e pecuária que forneceram a essência da minha instrução, não me tornaram melhor que o que eu era quando arrastava a peroba. Pelo menos naquele tempo não sonhava ser o explorador feroz em que me transformei (RAMOS, 1994:186).

Repetindo em uma série de indagações espalhadas pelas páginas finais do último capítulo: "Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo?" ou "Mas para quê? Para quê?" (RAMOS, 1994: 185); ou "se eu povoasse os currais, teria boas safras, depositaria dinheiro nos bancos [...]. Para quê?"; indagações que culminam na conclusão aterrorizadora: "Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige" (RAMOS, 1994: 188). Parece o fim de tudo, uma implosão existencial junto ao fim da narrativa, ao fim do livro.

"Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins" (RAMOS, 1994: 190). O que mudou na narrativa, Paulo Honório? A conclusão que se tem é que no final da narrativa Paulo Honório reviu sua vida, como personagem da história e como o narrador "quase" que distanciado dos fatos. E se analisarmos pela ótica de Paulo Honório do início do romance, o saldo foi negativo. Paulo Honório teve mais perdas, com o agravante que, somam se as perdas valores que antes não lhe eram computados e agora lhe fazem falta.

Uma visão religioso-literária

São Bernardo uniu psicologismo e documento social neo-naturalista. Se Graciliano é seco, como se diz, mestre da escassez, é sua matéria literária quem o determina.

Entre a voz do personagem e a do escritor (e seu narrador) há defasagens, e são elas que nos interessam. Os desvãos que são preenchidos pela negociação. Mas o seu princípio é muito claro: que não se esqueça que personagem e escritor não são o mesmo, embora se aproximem e se toquem.

São Bernardo trás em sua narrativa a temática psicológica e social, característica marcante de Graciliano Ramos. Os capítulos 19, 30 e 36 surpreendem a personagem principal, Paulo Honório. Madalena aparece como elemento surpresa na vida de Paulo Honório e o leva a uma aguda crise existencial, após sua morte, e logo depois se segue a crise financeira.

Graciliano Ramos levou ao limite o clima de tensão presente nas relações entre homem e o meio natural e o homem e o meio social. Mostrou que estas tensões são capazes de moldar personalidades e transformar comportamentos, até mesmo gera violência.

A luta pela sobrevivência é o ponto de ligação entre seus personagens, onde a lei maior é a lei da “selva”, a morte é tema constante em suas obras o final trágico é irreversível.

Paulo Honório é insatisfeito e irrealizado, tem conflito com o meio e consigo mesmo; sua luta é constante para adaptar-se e sobreviver, o contraste entre o ser mais íntimo e o ser social ameaça esmagá-lo.

Sozinho na casa-grande, sem mulher e sem amigos, e com a consciência em brasa, ele se contempla: mãos enormes, dedos enormes, um monstro, um aleijado moral. Insone, acuado, ele vê, ele toca, ele sente a superfície da sua dor. Vivemos nessas páginas um instante luminoso do ficcionismo brasileiro. Nós, que acompanhávamos o romance de 1930, encontramos de repente na sua prosa o espaço interior da escrita, que imerge e desvenda o coração secreto, a ambiência, o traço sociológico (POLVORA, 2009).

O estudo desta obra sustenta uma hermenêutica literária que procure algo de religioso no romance de Graciliano Ramos, em seu personagem Paulo Honório, onde através de uma aproximação entre a religião e a literatura, buscamos entender melhor à luz da via positiva da fé.

Segundo Antonio Carlos Magalhães, o teólogo Rubem Alves merece o reconhecimento de todos que refletem sobre o tema da relação entre teologia e literatura, por ser ele o primeiro a se apropriar de uma forma do fazer teológico que pode ser incluído dentro da teopoética, sem que ele tivesse a intenção de desenvolver uma longa discussão sobre o método. De qualquer forma, precisamos reconhecer que, mesmo sem uma discussão teórica sobre o assunto, Rubem Alves foi assumindo de maneira crescente uma fala sobre Deus, que tem nos poetas e outros autores da literatura os principais interlocutores na apresentação de suas imagens sobre Deus.

(...) Nesse sentido, a consciência é uma extensão do corpo, que apreende o mundo em dimensões sensitivas e emocionais. Consciência não nega, portanto, as dimensões consideradas inferiores por uma visão de mundo comprometida com a dicotomia que separa razão da emoção e reflexão da experiência. É dentro dessa visão que em torno

dos símbolos que Rubem Alves, entende o papel da religião em diálogo permanente com a cultura e os desejos (...) (MAGALHÃES, 2009:176-177).

Considerando as contribuições de Antonio Carlos Magalhães e de Rubens Alves, podemos dizer que Paulo Honório, através de seu sofrimento e desejo de esperança e arrependimento transpôs os limites de sua razão, o desejo de recomeçar embora não se sentindo capaz de modificar-se, ou, até mesmo, por não acreditar ele próprio em sua mudança, traz a Paulo Honório a abertura de uma nova consciência que pode levá-lo a uma matriz religiosa, que na estrutura social tanto do autor Graciliano Ramos e do personagem Paulo Honório sempre existiu, mas as desgraças de suas vidas não permitiram o seu reconhecimento.

Segundo Rubem Alves, “Símbolos assemelham-se a horizontes”, os homens criaram seus horizontes como referencial de seu caminhar, e com ele a cultura de seus desejos, no entanto, espera-se somente os triunfos, e é justamente quando ocorre os fracassos é que aparecem “o símbolo testemunha das coisas ainda ausente, saudade de coisas que não nasceram...”

Aqui surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza (ALVES, 2001: 24).

Partindo da concepção do surgimento da religião segundo Rubem Alves, podemos aceitar a possibilidade de que Paulo Honório, nesta “teia de símbolos”, tenha tido aí o surgimento de sua religiosidade, uma vez que provou do sofrimento, confessou seu fracasso, aludiu à idéia de tentar fazer diferente-ainda que não se sentisse capaz, e teve também o desejo mais profundo da esperança. Porém, o desfecho do livro não permite sabermos com certeza o que será do seu amanhã. Podemos apenas especular que, a partir de sua tomada de consciência, Paulo Honório, que já não é mais o mesmo homem que conquistou e desenvolveu a fazenda São Bernardo, agora possa escolher, sem mais culpar a vida agreste pelos seus infortúnios.

Um personagem entre a compaixão e o desprezo

“Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam”, Paulo Honório sente pena de si mesmo, fica a sós com a dignidade de sua dor. Vê a si mesmo como um monstro.

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio. Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas. (RAMOS, 1994:190)

Etimologicamente o vocábulo “monstro” tem sua origem no latim “monstrum” e significa aquele que revela, desvenda algo. É impossível encerrá-los em conceitos, já que fazem parte do imaginário cultural, ou seja, estão livres de apreensões formais. Sua categorização é imprecisa, Miguel Mix (1993) dirá que ao monstro se apartam a estética e a ética, se fosse comparado a um homem, este homem seria um estrangeiro, ou seja, um indivíduo que está deslocado momentaneamente da realidade. O monstro é um ser fronteiro, vive no limite do mundo conhecido e do imaginário, característica a qual corrobora o fato de ele ser categoricamente inapreensível.

Sendo assim, Paulo Honório se descobre diante de seu ser reificado, e essa reificação se expressa por meio da figura de um monstro, o monstro em que ele acredita ter se transformado. Neste momento a personagem se encontra numa profunda análise existencial.

Análise esta que revela a compaixão da personagem por si mesmo e do leitor, num processo que não há mais volta, apenas lhe resta o arrependimento. Também verificamos o total abandono de Paulo Honório por si mesmo, na trajetória de sua vida tentou erguer sua auto-estima à base do rancor, da inveja

e do desejo de vingança. Segundo Hélio Pellegrino, Paulo Honório deixou de assumir sua dignidade ontológica para render-se a uma ordem social que a chicoteava. E ao fim das contas acabou por destruir sua substância humana, com as mesmas armas com que abatia, feria, matava. Ao invés de abrir progressivamente um espaço existencial dentro de cujas fronteiras poderiam vir a sentir-se amado e respeitado, viu-se cada vez mais rodeado de escravos que dominava e desprezava, e de quem só poderia esperar ódio ou falso respeito – pelo medo. Já que a personagem demonstrara tal sentimento pelas pessoas que o cercavam por estes não terem ciência de sua própria representação social.

Conclusão

No decorrer desse longo, e, por muitas vezes, angustiante processo de leitura e interpretação do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos, sentimos um misto de tristeza e satisfação. Tristeza que vem do reconhecimento dos aspectos mais cruéis do ser humano, e que Graciliano Ramos, por meio de Paulo Honório, se permite, com rara mestria, explicitar. Aspectos que permanecem, a maior parte do tempo, ocultos para o próprio ser humano, para os homens e mulheres que, tal como o personagem-narrador de *São Bernardo*, passam a vida em busca da constituição de seus valores, de suas *commodities*, de seus bens, descuidando, contudo, das relações pessoais e humanas. Satisfação que vem de termos, ao enfrentar o universo violento de Paulo Honório, cumprido aquilo que nos propusemos no início desta pesquisa, e termos com isso obtido, além do conhecimento e da experiência acadêmica, subsídios para melhor lidar com as deficiências de nossa própria humanidade.

O Capítulo I discutiu as condições objetivas e subjetivas que permitiram a elaboração da obra de Graciliano Ramos, relacionando-a a seu contexto social, histórico e literário. A discussão, embora breve, das características dos romances de Graciliano Ramos permitiram encaminhar a análise de *São Bernardo*, apresentar o romance ao leitor e constituir o pano de fundo sobre o qual se assenta o drama existencial de Paulo Honório.

O Capítulo II analisou as condições de vida, ou, melhor dizendo, de sobrevivência, que levaram ao embrutecimento de Paulo Honório, à sua desumanização, e à uma relação com a realidade marcada pela unidimensionalidade, visão de mundo redutora das relações sociais e pessoais aos seus aspectos de lucro, de ganho. Em uma sociedade de transição, ainda não plenamente adaptada às transformações impostas pela lógica capitalista, essa redução se caracteriza, sobretudo, pela referência ao animal, especificamente ao gado: homens, mulheres e crianças passam a ser

percebidos pelo personagem-narrador como rezes, tendo seu valor condicionado à sua produtividade.

O Capítulo III discutiu a transformação existencial sofrida por Paulo Honório, tendo em Madalena o elemento desencadeador de sua humanização. É no confronto com Madalena que Paulo Honório vai, aos poucos, descobrindo uma humanidade que, antes, era quando muito sentida como uma perda de tempo; afinal, aquilo que está dado, seja pela natureza, pela sociedade, pela sorte ou mesmo por Deus não pode ser de outra forma. No entanto, ainda que não acredite em sua própria modificação, Paulo Honório se coloca a pensar, e, ao procurar dar um sentido a uma vida que deixou de tê-lo, vê-se diante de um impasse. Impasse esse que deixa em aberto para o leitor e o intérprete questões que somente podem ser satisfatoriamente respondidas mediante um ato de fé religiosa, passo que os autores, Graciliano Ramos e Paulo Honório não ousam, ao menos explicitamente, realizar.

Paulo Honório nos mostrou o quão frágil é a nossa existência, valores que antes considerávamos essenciais não passavam de um castelo de areia. Hoje, após sofrer sua catarse já não pensa mais da mesma maneira, temos aí a transcendência da personagem, pois percebera mesmo que tardiamente o quanto estava iludido pela crença do “ter” e agora sente falta do “ser”, ser um outro Paulo Honório, construir um novo Paulo Honório, se considerar um outro Paulo Honório – sem lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. Apenas um homem digno de qualidades humanas.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2001.

ASSIS, Machado. O Espelho. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. II.

BASTOS, Hermenegildo. BRUNACCI, Maria Izabel. História literária entre acumulação e resíduo: o eixo Graciliano-Rulfo. IV Seminário de Estudos de Cultura e Literatura Brasileira. Brasília, 8 a 10/12/2004. Disponível em: <<http://www.grupoformação.pop.com.br>>.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.

BOSI, Alfredo. *Histórica concisa da literatura brasileira*. 2ª. Ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

BRUNACCI, Maria Isabel. *Graciliano Ramos: um escritor personagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Unicamp, 2006

CÂNDIDO, Antônio, CASTELO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira - história e antropologia: II do realismo ao pós-moderno*. São Paulo: Difel, 1987.

CÂNDIDO, Antônio. A personagem do Romance. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Cia. Editora nacional, 1976.

_____. *Presença da literatura brasileira*. História e Antologia: II Modernismo. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Teresina etc*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

_____. Os bichos do subterrâneo. In: CÂNDIDO, Antônio. *Tese e antítese*. São Paulo, Nacional, 1964.

CARDOSO DE MELLO, João Manuel, NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: 2004: p. 559-658. V. 4.

Carvalho, Luciano Ribeiro de. *Reflexos da revolução russa no romance brasileiro dos anos trinta: Jorge Amado e Graciliano Ramos*. 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). USP. São Paulo.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: era modernista*. São Paulo: Global, 1997.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 4ª. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Juarez Filho, Edmundo. *História e alegoria em São Bernardo de Graciliano Ramos*. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). USP. São Paulo.

LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia In: RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 60ª Ed. Rio de Janeiro, 1994.

Lázaro, Maria Sólis de Castilho. *A linguagem do corpo em São Bernardo de Graciliano Ramos*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Literatura Brasileira). USP. São Paulo.

LIMA, Raul Milton Silveira Lima. *O personagem judeu na literatura brasileira*. 2005. Dissertação. (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica). USP. São Paulo.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. 2ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

MARINHO, Maria Célia Novaes. *Imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances Angústia e Vidas Secas*. 1995. Dissertação (Mestrado em Semiótica). USP. São Paulo.

MOISÉS, Massaud. *Guia prático de análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1970.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1992.

MOURÃO, Rui. *Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano*. 3ª. Ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2003.

OLIVEIRA, Luciano. *O bruxo e o rabugento: ensaios sobre Machado de Assis e Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.

PELLEGRINO, Hélio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 1972.

PINTO, Manuel da Costa. *Subterrâneo expressionista*. Revista Entre Livros, São Paulo: Duetto, ano 2, n. 19, 2006.

PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos – Relações entre Ficção e Realidade*. São Paulo: Quíron – MEC, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

_____. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1994.

_____. *Vidas secas*. São Paulo: Martins, 1968.

REVISTA Entre Livros. Letras Secas de Graciliano. São Paulo: Duetto ano 2, n. 19, 2006.

REVISTA Literatura. São Paulo: Escala Educacional, 2009. 23ª ed.

RODRIGUES, A. M. *São Bernardo*: Graciliano Ramos. São Paulo: Anglo, 1987.

TENÓRIO, Waldecy. *A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. São Caetano do Sul; SP: Ateliê Editorial e FAPESP, 1996.

URLAN, Pedro E. Caetés, novidade na velharia. Entre Livros, São Paulo, n. 19, p. 35, novembro, 2006.

VITA, Álvaro. *Sociologia da Sociedade Brasileira*: São Paulo: Editora Ática, 1991.